BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM Dúvidas

Nº58 29 de Março de 2000 **Quinzenal** **Director:** Bruno Ferreira
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Distribuição Gratuita**

Caminhos traçados

"Jorge Molder" de José Neves

São sete dias de filmes portugueses espalhados pelos formatos da longa e curta metragem, de documentário, vídeo e animação. De 1 a 8 de Abril, O Centro de Estudos Cinematográficos da AAC organiza a sétima edição dos Caminhos do Cinema Português. O Teatro Académico de Gil Vicente abre as portas aos estudantes e restante público de Coimbra.

INQUÉRITO PEDAGÓGICO

DESAPARECIDOS

tende-se com os presentes inquéritos aferir a opinião dos estudantes ace
dições e problemas pedagógicos da nossa Universidade.
numeração de um (1) a cinco (5) reporta-se aos índices de qualidade do
dado.
exemplos pedidos referem-se a algumas cadeiras onde os problemas seja

Um ano e meio depois do lançamento da ideia, nada se sabe sobre tão o badalado Livro Negro da Pedagogia. Mais sintomático ainda, é o facto de ser desconhecido o paradeiro dos inquéritos que foram efectuados junto dos estudantes da UC.

Página 5

Academia

De volta à contestação

Os estudantes estão de volta à luta. Depois de uma Assembleia Magna em que foi aprovada uma manifestação para 6 de Abril a Academia de Coimbra está de novo na rua para alertar para as "más condições físicas" da Universidade de Coimbra.

Página 2 e 3

Desporto

Eleições na AAC/OAF

A poucos dias de ser reconduzido no cargo de Presidente da AAC/OAF, Campos Coroa fala da filosofia da instituição, dos seus objectivos e da relação com o universo académico: " A Academia identifica–se com equipa de futebol", afirma.

Página 15

Assembleia Magna dá inicio a novo ciclo

Adivinha quem voltou...

A marchar de vela na mão da porta férrea até ao jardim da Associação Académica. Foi deste modo que acabou uma semana recheada de acontecimentos político–académicos que irão marcar a actualidade nos próximos tempos.

A marcha que finalizou a Assembleia Magna

De volta à luta e à actividade de rua. Foi esta a principal conclusão que saiu da Assembleia Magna realizada sexta–feira no Teatro Paulo Quintela. Depois de 5 dias a tentar apreender os diversos problemas dos estudantes da Universidade de Coimbra (UC) e de um fim–de–semana em que as direcções associativas estiveram reunidas parece estar de volta a contestação à actuação do governo.

As acções mais relevantes aprovadas em Assembleia Magna foram a realização de uma manifestação no dia 6 de Abril e de uma semana de alerta e denúncia, de 27 a 31 de Março, que culminará com um acampamento na Praça D. Dinis. Segundo o texto da moção este acampamento deverá ter também a participação das Secções, dos Núcleos e das residências universitárias. Questionado acerca do objectivo de ambas as acções, Humberto Martins, que as viu serem aprovadas por maioria, esclareceu que têm como propósito esclarecer e consciencializar quer os próprios estudantes, quer a opinião pública em relação aos problemas vividos pela UC.

No âmbito dos próximos passos a tomar pela DG/AAC, Humberto Martins, em resposta a uma outra moção que tinha como objectivo pressionar o reitor a apoiar os estudantes, revelou que um dos seus objectivos é tentar fazer aprovar uma declaração do Senado que reconheça que a UC não tem condições para funcionar. Esta acção deverá ser levada a cabo na reunião que terá lugar na quinta–feira, dia 6 de Abril.

Apesar de uma certa celeuma gerada pelo modo como iriam ser votadas as moções os temas discutidos giraram invariavelmente em torno da análise da actual situação de precariedade vivida pelos estudantes e da crítica ao facto do dinheiro das propinas estar a ser utilizado para pagar despesas correntes de funcionamento da Universidade. Este quadro negro pintado durante a discussão dos problemas pedagógicos e financeiros não foi contrariado por nenhum dos presentes e surgiram as mais variadas propostas de "luta". Desde a declaração do estado de calamidade pública até à criação de um lobbie de pressão à comunicação social. As propinas voltaram a ser discutidas,tendo sido recorrente o apelidar de "aves raras" aos que ainda boicotam o seu pagamento. Porém resultou desta sessão que a DG/AAC não apelará ao boicote mas sim à luta pela sua utilização na melhoria de qualidade do ensino.

parece estar de volta a contestação à actuação do governo

No entanto a iniciativa mais significativa que acabou por ser aprovada foi a existência de uma eventual manifestação nacional no dia 13 de Abril, sob a condição de haver um acordo com as demais associações estudantis.

A primeira sessão deste ano acabou com a discussão de duas moções em alternativa: uma proposta pela direcção–geral, que defendia uma marcha com velas em que os participantes na Magna rumariam desde a porta férrea até aos jardins da AAC; outra defendia que a marcha deveria dirigir–se a casa do Reitor, Fernando Rebelo. Apesar do rebuliço que novamente se deu quanto ao método de votação a ser utilizado acabou por ganhar a proposta da DG/AAC. A noite findou com um convívio realizado nos jardins que acabou por se dispersar cerca das três da manhã.

Não ENDA nem desENDA

A realização de um ENDA no passado fim–de–semana em Vila Real influenciou as datas propostas pela DG/AAC para a realização das suas acções. Nesta reunião, cujo duvidoso proveito não deixou de ser referido por alguns elementos da direcção–geral, foi aprovada a realização de uma semana de actividade de 1 a 6 de Abril. Foi portanto enquadrada nesta semana que foi proposta a manifestação de 6 de Abril, que no entanto será realizada em Coimbra, não havendo certezas acerca de uma eventual acção coordenada a nível nacional.

Um dos esclarecimentos prestados por Humberto Martins na Assembleia Magna foi no sentido de desmentir algumas falsas informações que vieram a público acerca das actividades aprovadas no ENDA. Segundo ele "não foi aprovada nenhuma paralisação para o dia 24 de Março, dia do estudante", nem uma proposta que tinha por objectivo reclamar um "rendimento mínimo estudantil".

Bruno Ferreira

Presidências abertas

Ambas as intervenções de Humberto Martins na Assembleia Magna tiveram como fundamento a acção que foi apelidada de "5 dias nas faculdades". Esta iniciativa foi empreendida após o Presidente de República ter anunciado que não teria lugar a prometida presidência aberta dedicada à educação. Esta decisão foi comunicada aos dirigentes estudantis numa reunião realizada no dia 12 de Março.

Segundo as palavras de Humberto Martins no Plenário Alargado realizado na quarta–feira, Jorge Sampaio justificou–se dizendo que este tipo de acções acabam por não ter muito proveito, pois não permitem um conhecimento do verdadeiro estado das instituições, aconselhando os estudantes a fazerem eles próprios uma acção de divulgação das questões que querem dar a conhecer. Apesar desta justificação Humberto Martins não se mostrou satisfeito com esta decisão do PR, daí ter realizado os "5 dias na faculdades".

De acordo com o balanço feito na conferência de imprensa realizada na passada quarta–feira a acção foi bastante positiva. "Partíamos com a expectativa de que iríamos encontrar muito menos problemas do que aqueles que encontrámos", disse Humberto Martins. Na sua opinião o quadro encontrado é gravíssimo uma vez que a UC "não tem condições físicas para funcionar". Passando à enumeração dos problemas infraestruturais: o número insuficiente de lugares, a existência de construções novas inadaptadas.

Para além deste tipo de problemas o presidente da Direcção–geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) enunciou problemas de índole pedagógica tais como a falta de uma componente pedagógica na carreira docente e o insucesso escolar. Voltou também a enfatizar o facto de "quatro faculdades, as de Letras, Farmácia, Psicologia e Ciências da Educação e Economia, irem utilizar as verbas das propinas na sua totalidade para o seu funcionamento normal". Com o resultado destes dias em que a DG/AAC visitou não só as faculdades mas também outros serviços da Universidade de Coimbra, será compilado um caderno reinvindicativo.

Bruno Ferreira

Na mesma noite da Assembleia Magna

Os Magníficos Belle Chase

Na noite de 23 de Março, decorreram em simultâneo uma Assembleia Magna e um concerto dos Belle Chase Hotel. A Cabra esteve no Le Son, na Pedrulha, onde se realizou o concerto, para saber o que levou os estudantes a faltarem à Magna.

Na mesma noite da Magna, mais um concerto memorável do Belle Chase Hotel

O facto de haver um concerto dos Belle Chase Hotel e uma Assembleia Magna na mesma noite poderia ter levado muitos estudantes a hesitar quanto ao sítio onde deveriam estar, ainda mais se tivermos em conta que neste concerto se apresentavam pela primeira vez num formato acústico. Mas afinal não foi bem assim. Vamos ao relato do que aconteceu.

Às 22h10, a bilheteira do Le Son - café concerto estava praticamente vazia, o que poderia ser preocupante se considerarmos que o concerto estava marcado para as 22h30. Ainda levou algum tempo até que este panorama se alterasse, mas a pouco e pouco o recinto começou a ficar um pouco mais preenchido, até que na altura do início do concerto, embora a casa não estivesse de todo a abarrotar, já contava com uma assistência bastante razoável.

Na longa hora e meia de espera que antecedeu o concerto, A Cabra tentou saber se o público daquela noite tinha tido que resolver alguma espécie de dilema ao optar entre a Magna e o concerto. Várias foram as respostas dadas. Alguns dos inquiridos desconheciam de todo que houvesse uma Magna. Mas a maior parte tinha consciência disso, e foram várias as razões que os afastaram da assembleia. Alguns justificaram–se dizendo que "não se resolvem grandes coisas na Magna". Um dos presentes tinha a vaga ideia de que o assunto da assembleia era o estudante elegível, mas a partir daí foi incapaz de articular uma resposta coerente, limitando–se a dizer as palavras "a Magna..." e a encolher os ombros alternadamente por diversas vezes. Já outros achavam simplesmente que "isto é mais fixe".

"Vai tu"

Mas também recebemos respostas bem mais elaboradas. Um dos presentes explicou–nos que, se não fosse da organização do concerto, como era, "estaria muito indeciso e resolveria à última hora. Mas tinha 50,1% de hipóteses de vir ver os Belle Chase Hotel e faltar à Magna". Também havia quem pensasse que esta assembleia ia ser uma réplica das duas últimas convocadas pela direcção de Hugo Capote. Além disto, considera que "o movimento associativo se encontra de uma forma geral pouco mobilizado", para além de que tinha "grande curiosidade em ver os Belle Chase acústicos".

Pelo meio, houve muita gente que preferiu devolver a pergunta em lugar de responder a ela, acrescentado-lhe um singelo mas elucidativo "vai tu". Encontrámos também quem lá estivesse porque conhecia um dos elementos da banda, e a nossa última inquirida disse–nos simplesmente que não tinha ido à Magna porque foi uma vez a uma e a achou "uma palhaçada". Esta ideia de descrédito das Assembleias Magnas parece ter sido, aliás, a nota dominante entre os presentes da noite de 23 de Março. A ideia que ficou é que nem sequer houve grandes dúvidas entre os presentes quando decidiram ir ao concerto. Que foi, aliás, digno de nota. A repórter não pode, por motivos óbvios, estabelecer comparações entre o concerto e a Magna. Pode, contudo, assegurar que a noite passada no Le Son vai ser recordada pelos que lá estiveram durante muito tempo...

Cecília Santos

Na mesma noite do espectáculo de Belle Chase Hotel

A música da Magna

Já passava das duas da manhã quando chegaram, de velas acesas, aos jardins da Associação Académica de Coimbra. Um eferreá deu por encerrada a noite. Poucos momentos antes a discussão tinha sido acesa e agora, decisões tomadas, os estudantes que participaram na Assembleia Magna já podiam ir tentar saber como correra o concerto dos Belle Chase Hotel.

©Diário As Beiras

A primeira Magna de Humberto Martins

Pelo menos os que sabiam que havia concerto. E ainda eram alguns. Pedro Dias, estudante do primeiro ano de Direito, foi um deles. Decidiu vir à Magna porque "era mais interessante do que ir ver o concerto, e, como sou estudante, acho que isto me interessa". Tiago Marques, estudante de Medicina, foi da mesma opinião: "Já vi várias vezes os Belle Chase Hotel, mas acima de tudo sou estudante da Universidade de Coimbra."

É que concertos há muitos e Magnas, cada uma tem um encanto especial. E esta não foi a excepção que confirma a regra.

E como foi a música da Magna?

Bem à hora marcada o palco estava vazio, os microfones mudos, as cadeiras vazias. Cá fora não havia filas para entrar nem a agitação que antecede todos os grandes acontecimentos. Mesmo assim foram alguns os que chegaram pontualmente.

Trinta e cinco minutos depois o espectáculo começou. Um Paulo Quintela entretanto cheio ouviu Humberto Martins dar o mote para a música da noite: acção social, desinvestimento no ensino superior, estudante elegível, avaliações e ... enfim, todos aqueles problemas que os estudantes universitários sabem que existem, por experiência própria, de cor e salteado.

A verdadeira estrela da noite foi o Nuno, estudante de Direito. Subiu ao palco à meia noite e, depois de vários arranjos de microfone, começou por dizer: "isto é quente". Pôs a Assembleia a dar um grande viva à Academia, em coro bastante afinado. E tal era o afecto que os assistentes tinham por ele que quase não o deixavam falar. E lá foi a muito custo e após várias intervenções da mesa, que o Nuno contou a sua história: vinha ele de Santa Maria da Feira para Coimbra e tinha uma estação de rádio sintonizada quando... Não vou contar a história, apenas dizer que entre uma e outra gargalhada, o Nuno silenciou a Magna: "Em Coimbra há unidade suficiente para pedir boicotes? Será que todos estão no curso por vocação?"

Todo este concerto de ideias, que circulava acusticamente pela sala, terminou de forma bastante acesa.

Estava–se na votação das duas últimas propostas - as da controvérsia. A sala estava ansiosa pelo finalizar dos trabalhos. A questão era saber se a Magna terminava com uma caminhada de velas acesas até à AAC, ou, em alternativa, se fazia uma caminhada até à casa do Reitor para expor a Fernando Rebelo todas as conclusões da Magna. E antes telefonava–se aos órgãos de comunicação social para que eles acompanhassem a peregrinação. "E onde é que é a casa do Reitor?", perguntavam uns. "Descobre–se", respondiam os outros.

O Reitor dormiu em paz, sem música nos ouvidos. A Magna deu música a muita gente. Mas foram os Belle Chase que mais cantaram.

Sónia Martins

Dia Nacional do estudante

O nosso dia

No passado dia 24 de Março A Cabra não esqueceu o dia Nacional do estudante.

Apesar de este ano não haver a já habitual manifestação estudantil em Lisboa, Coimbra viu a data marcada com uma manifestação do ensino secundário, aproveitando a oportunidade para, desta forma, exporem as suas reivindicações.

Um episódio peculiar não deixou, por outro lado, que o dia passasse despercebido: no Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA) surgiu uma proposta de greve do ensino superior, apesar de esta ideia não ter sido retida. No entanto, os órgãos de comunicação social divulgaram a informação de uma suposta greve que nunca chegou a acontecer, daí as confusões de muitos estudantes que realmente pensavam que ela se efectuaria.

A Cabra saiu à rua e foi falar com alguns estudantes para tentar descobrir o que é que significa para eles este dia, dando voz às suas ideias e propostas relativamente aquilo que é ou que deveria ser esta data.

Cristina Rodrigues

Perguntas
1.Sabes que dia é hoje?
2. O que representa para ti o Dia do Estudante?
3.O que que achas que deveria ser feito neste dia?

Sandra Soares
Francês-Alemão, 4º ano

1. Dia do Estudante.
2. Sinceramente, não. Já representou mais.
3. Acho que deviam organizar manifestações em várias cidades e não concentrar tudo em Lisboa como se tem feito. Era mais eficaz; as pessoas já nem se quer reparam nas manifestações por serem todas iguais e muitas vezes inúteis. Hoje em dia os estudantes são muito comodistas e preocupam-se muito pouco pelos seus próprios interesses. Aproveitam estas iniciativas para faltar às aulas; devia haver mais convicção.

Sérgio Almeida
Jornalismo, 2º ano

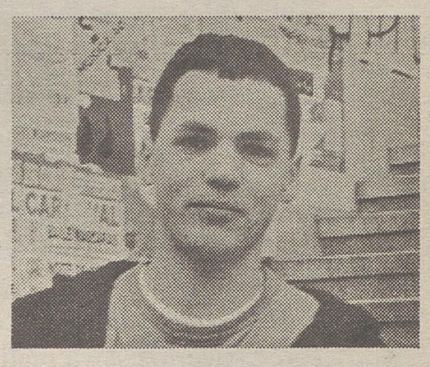
1. Dia do Estudante.
2. Sim, é lógico. Acho que é o nosso dia.
3. Mais do que aquilo que se tem feito. A maior parte das pessoas não se lembram deste dia. Acho que a AAC devia organizar mais actividades. E também divulgar a greve para as pessoas aderirem em bloco e assim aproveitarem esse dia para juntar as ideias e sugestões de todos.

Erica Coelho
Geografia, 2º ano

1. Dia do Estudante.
2. Sim. Acho que é um dos poucos dias em que as classes dirigentes se lembram dos estudantes.
3. Acho que no Dia do Estudante não devia haver aulas; podíamos aproveitar este último para organizar actividades escolares. Em relação às manifestações penso que não têm levado a lado nenhum, mas se houvesse uma manifestaçao hoje, eu provavelmente participaria por solidariedade.

Carla Lourenço
10º ano

1. Um dia em que me sinto libertada. Acho que todos os alunos do Secundário deveriam estar aqui a manifestarem-se para assim podermos afirmar os nossos direitos.
2. Representa muito. É uma oportunidade para nós podermos ser ouvidos, e para as coisas poderem evoluir.
3. Acho que iniciativas como a que estamos a tomar hoje são essenciais. Temos de lutar para que as coisas mudem. As manifestações são para mim a melhor maneira de afirmarmos o nosso descontentamento.



Bruno Jesus
Bioquímica, 2º ano

1. Dia do Estudante.
2. Representa. Apesar de ser um dia como qualquer outro, não deixa de ser o nosso dia.
3. O que está a ser feito. Acho que os debates são importantes e úteis. Também sou a favor das greves se forem válidas, isto é, se tiverem reinvindicações definidas e justas. Eu, por exemplo, participaria numa manifestação a favor do problema do financiamento.

Secundário volta a agitar águas

Na rua contra a Reforma

A reforma educativa e o actual sistema de acesso ao Ensino Superior são as pedras de toque para a contestação dos estudantes do Ensino Secundário. No dia do estudante, cerca de 2500 alunos do secundário de Coimbra percorreram a cidade numa contestação que promete continuar nos próximos meses.

"Um grande sucesso", foi assim que Ricardo Martins, da Associação de Estudantes da Escola Secundária Jaime Cortesão, classificou a manifestação que deixou o trânsito paralizado durante meia hora. O ponto máximo foi a entrega de um abaixo-assinado na Direcção Geral de Educação do Centro (DREC) com cinco mil assinaturas. O objectivo é fazer chegar o documento à Assembleia da República.

A acção de rua foi dinamizada pelo Movimento de Associações de Estudantes do Ensino Secundário de Coimbra (MAEESC) que tem como objectivo a revogação da Lei de Acesso e Ingresso no Ensino Superior. O movimento pretende a eliminação progressiva do numerus clausus e a criação de um novo sistema de acesso ao ensino superior, "que harmonize as necessidades de desenvolvimento do país e as opções dos candidatos", segundo o manifesto do MAEESC. Os contestatários reclamam ainda o fim dos exames finais eliminatórios do 12º ano e repudiam a possibilidade das universidades recorrerem a entrevistas como critério de selecção dos candidatos. Para Gustavo Ferreira presidente da Associação de Estudantes da Escola Secundária Quinta das Flores (AEESQF), a questão está na falta de auscultação dos alunos e professores nas tomadas de decisão: " Mas que reforma é esta? O Governo não explica nada e depois decide sozinho".

Estudantes contra o sistema de acesso ao Ensino Superior

Fazem parte do MAEESC as sete Associações de Estudantes das Escolas Secundárias de Coimbra que há cerca de um mês e meio "decidiram discutir os problemas do Ensino Secundário " explica-nos Gustavo Ferreira.

Não está, porém, fora de questão a expansão do movimento - "já estão a ser feitos contactos com o objectivo de fazer uma acção nacional lá para Maio", afirma Paulo Martins, presidente da Associação de Estudantes da Escola Secundária D. Dinis.

José Carlos Santos

Investigação sobre o Livro Negro da Pedagogia

Onde estão os inquéritos?!

Depois de uma conversa com os responsáveis pela realização dos inquéritos que levariam à compilação dos dados sobre o estado da pedagogia da Academia coimbrã, o saldo não é muito positivo. As respostas à pergunta "Onde estão os inquéritos?" são controversas.

A compilação dos problemas pedagógicos da Universidade de Coimbra foi um projecto assumido por Hugo Capote. O facto é que este projecto ou não foi concretizado ou ,se o foi, a Academia não conhece os seus resultados. A CABRA procurou saber como foi gerido todo o processo que envolveu a criação do tão falado Livro Negro da Pedagogia.

Como máximo responsável por esta pasta, o anterior presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) foi a primeira pessoa com quem falámos. Pretendia–se saber como surgiu a ideia de realizar o livro e de que modo isso se iria fazer.

Analisando as propostas eleitorais de Novembro de 1998, concluimos que a proposta surgiu no seio da lista E, encabeçada por Rui Justiniano. Hugo Capote admite que "o Rui foi o primeiro a falar nisso. Mas, como a lista E não ganhou e, por isso não poderia pôr o projecto em prática, e nós até concordávamos com ele, não tivemos problemas nenhuns em pô–lo em marcha". Todavia, a ideia do Livro Negro não foi adoptada pela DG de Capote tal como era proposta por Rui Justiniano. "A questão do Livro Negro prende–se com outra coisa que me aconteceu logo no meu segundo ano da faculdade", afirma Hugo Capote, acrescentando que, a pretexto de elaborar um manual para os caloiros de medicina iriam "dar algumas dicas sobre os professores, sobre as várias cadeiras e sobre as aulas em geral". Este ex–dirigente associativo acredita que o pretenso manual do caloiro de medicina elaborado teve resultados pedagógicos práticos no ano seguinte.

Os objectivos do projecto, quando a sua lista venceu as eleições, eram, não só questionar internamente as "arbitrariedades pedagógicas que havia", como também denunciá–las publicamente. Para tal a DG/AAC da altura organizou várias RGA's em todas as faculdades, com o intuito de compilar os resultados que delas saíssem.

Capote considera o trabalho desta DG a este nível "bastante interessante e proveitoso (...) e não se perde nada em ouvir os alunos, em denunciar aquilo que eles dizem".

O método escolhido pela equipa, constituída por Rui Lopes (responsável pela Política Educativa daquela DG), João Nuno, Luis Urbano (colaboradores da DG) e pelo próprio Hugo Capote, para organizar os dados relativos aos problemas pedagógicos, consistia em fazer com que os alunos preenchessem inquéritos que denunciassem aquilo que consideravam de mais grave nessa matéria.

Logo em Abril de 1999, a DG de então começou por elaborar inquéritos que "não tinham credibilidade científica" suficiente para serem realizados. Entre Abril e Setembro Hugo Capote enfrentou dois problemas que o impediram de concretizar o projecto. Por um lado, durante a Queima, em Maio, a equipa de trabalho esteve parada. Por outro lado, em Junho/Julho, na "ressaca das demissões na DG", o trabalho esteve também parado, pois Hugo Capote tinha então outros problemas (internos) para resolver, nomeadamente refazer a sua anterior equipa de trabalho.

Assim, em Setembro elaboraram–se novos inquéritos, que não puderam ser realizados "por falta de estrutura", quer porque a DG organizou, na altura, uma Feira de Empresas, quer porque pouco depois teria de organizar a Latada. Finalmente, em Novembro, a equipa responsável por realizar os inquéritos vai às faculdades. Este trabalho ficou concluído em Dezembro, pouco antes das férias do Natal.

Perguntámos então a Hugo Capote qual a razão de não se terem compilado as conclusões retiradas deste questionário. "Quando voltámos de férias, o tempo útil de trabalho eram apenas 11 dias por causa da tomada de posse da nova DG, pelo que não tivemos tempo", respondeu–nos o ex–presidente.

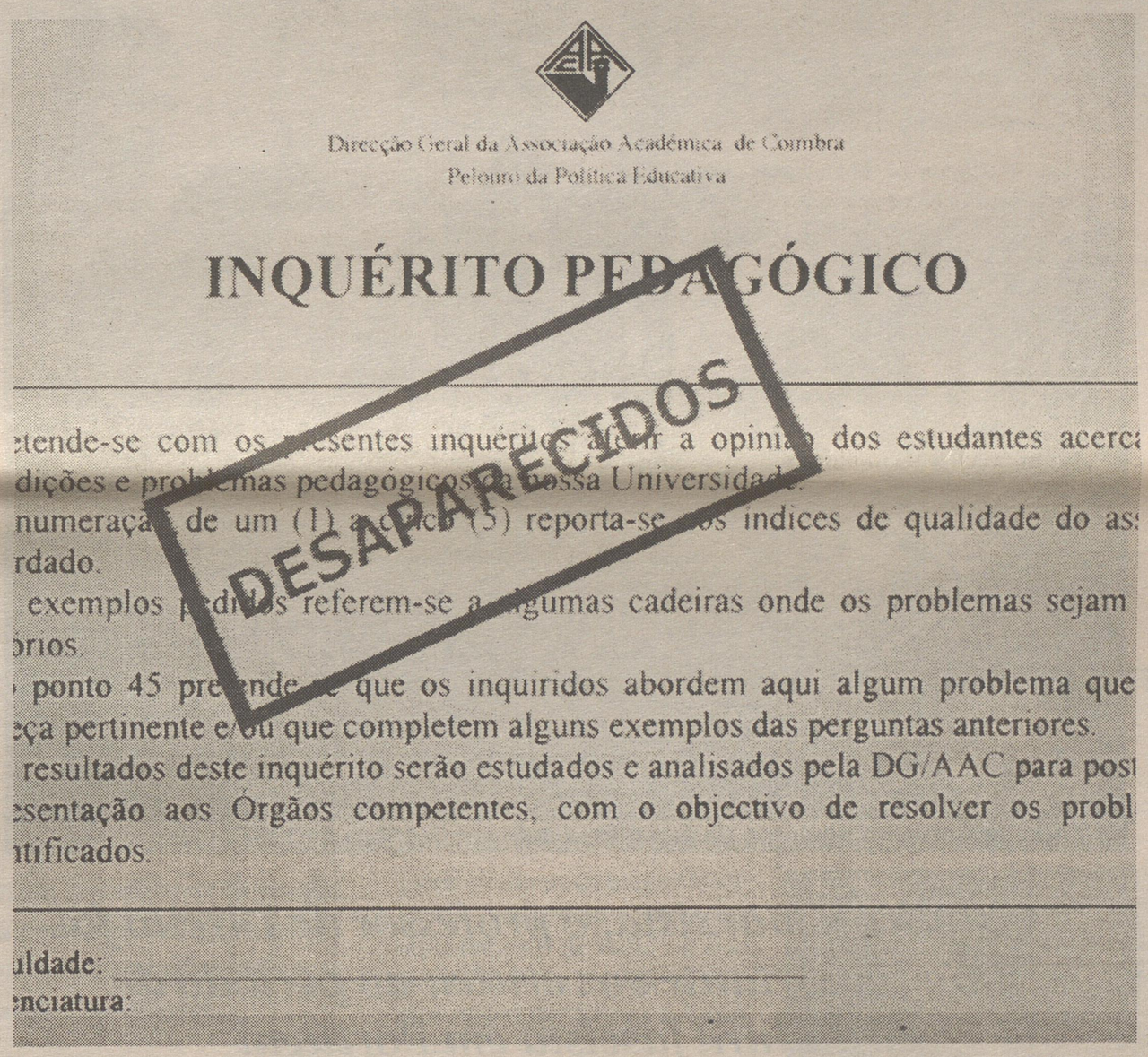
O facto é que estes inquéritos nunca foram apresentados publicamente. Por isso perguntamos ao ex–presidente da DG/AAC onde estavam. Capote respondeu–nos que "estão com a equipa coordenadora [do projecto]".

Assim, A CABRA dirigiu–se aos elementos desta equipa para procurar ter acesso aos inquéritos.

Começámos por falar com Luis Urbano, actual presidente do Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras (NEFLUC).

"Eu entendo que não devo comentar esse assunto", afirmou este dirigente associativo, acrescentando que "as pessoas indicadas para responder [à questão] são o anterior presidente da DG/AAC, Hugo Capote (...), bem como todas as pessoas envolvidas no projecto". Perguntámos–lhe se sabia quem detinha os inquéritos, ao que respondeu "eu pessoalmente tenho dois ou três que me foram entregues já depois daquele período de recolha, ainda durante o mandato do Capote, mas já depois de eles terem sido enviados para a DG".

João Nuno, actual membro do NEFLUC, respondeu–nos "não sei e afirmo isso categoricamente" quando lhe foi perguntado se sabia onde estavam os inquéritos.


Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra
Pelouro da Política Educativa

INQUÉRITO PEDAGÓGICO

DESAPARECIDOS

tende-se com os presentes inquéritos aferir a opinião dos estudantes acerca
dições e problemas pedagógicos da nossa Universidade.
numeração de um (1) a cinco (5) reporta-se aos índices de qualidade do ass
rdado.
exemplos pedidos referem-se a algumas cadeiras onde os problemas sejam
rios.
ponto 45 pretende-se que os inquiridos abordem aqui algum problema que
ça pertinente e/ou que completem alguns exemplos das perguntas anteriores.
resultados deste inquérito serão estudados e analisados pela DG/AAC para post
sentação aos Órgãos competentes, com o objectivo de resolver os probl
ntificados.

ldade:
nciatura:

Rui Lopes, outro dos responsáveis pelo projecto, afirmou que " na altura [em que terminou o mandato na DG] deixei–os na DG".

Dados os problemas de timing com que a ex–DG se propôs realizar todo este processo, até se pode perceber que o Livro Negro da Pedagogia tenha ficado por terminar no final do mandato de Hugo Capote. O que se torna confuso, para além da evidente contradição nas respostas entre os interpelados, é o facto de a anterior DG não aparentar interesse em ver concluído o trabalho, projecto aliás a que são reconhecidos de uma forma quase generalizada méritos óbvios.

Assim, em face das respostas obtidas naquelas conversas, procurámos saber junto da actual DG qual o seu grau de conhecimento acerca desta matéria.

Falámos primeiro com Filipa Palma, super–coordenadora dos núcleos e da pedagogia da DG, que nos respondeu algo indignada. "Não nos deixaram nem a pasta da pedagogia, nem os inquéritos, nem qualquer tipo de informação", acrescentando que não compreendia as razões desse facto. Questionado acerca do paradeiro dos inquéritos, respondeu: "como é evidente, não faço a mais pequena ideia".

Humberto Martins referiu que, em conversa com Rui Lopes na altura da sucessão na DG, aquele lhe tinha prometido deixar os inquéritos ao seu dispôr: "'Fica aqui tudo' disse–me ele, 'se for necessário deixo tudo organizado por faculdade'". O que é facto, também segundo o Presidente da DG, é que "quando aqui chegámos não encontrámos nada".

Questionado sobre o porquê de a DG não ter tomado a iniciativa de procurar saber a razão do desaparecimento dos inquéritos, Humberto Martins responde "é pela atitude que foi tomada em não ter cá os dados, que não são dados de ninguém, são da AAC".

Quisemos também saber se uma DG, quando termina o seu mandato, está de qualquer forma obrigada a deixar disponíveis as suas pastas para a DG seguinte. Humberto esclareceu–nos: "o que está escrito é que uma DG tem de deixar uma cadeira para a outra DG; obviamente que têm obrigação de deixar, moral e legalmente. Não está escrito nos estatutos, é a lei geral que obriga. Sou responsável por determinado património que tenho obrigação de entregar, não posso apropriar–me de qualquer tipo de material".

Perante a questão da insistência do aparecimento dos inquéritos, o presidente da DG, afirmou não querer "entrar em qualquer tipo de polémica; esta DG não tentou forçar, devido ao tipo de atitude tomada, mas também não tínhamos a certeza, até certo ponto, de qual o alcance e o rigor dos inquéritos".

O que é um facto é que, se antes não se conhecia o paradeiro do Livro Negro da Pedagogia, agora também não ficámos esclarecidos, bem pelo contrário. Todavia, a actual DG parece não ter ficado intimidada com esse facto, avançando no seu trabalho nesta área, nomeadamente através dos "5 dias nas Faculdades"

Ana Laura Alves

Morreu Orlando de Carvalho

O adeus do Mestre

Faleceu o professor Orlando de Carvalho. Com a sua morte em Santa Maria do Zêzere, a sua terra natal, desaparece um dos grandes vultos da Universidade de Coimbra e talvez o professor cuja memória mais se confunde com a da Faculdade de Direito.

Orlando Alves Pereira de Carvalho foi professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC) entre 1948 e 1997. Com a sua morte, na noite de 26 para 27 de Março, desaparece uma das grandes figuras das ciências jurídicas de Portugal e um dos grandes democratas e humanistas que a segunda metade do séc. XX conheceu.

António Avelãs Nunes, presidente do Conselho Directivo da FDUC, relembra o seu colega e amigo quando nos diz que "em 1961, Orlando de Carvalho foi preso e acusado pela PIDE de exercer uma influência deletéria sobre a Academia. Foi libertado pois a acusação era infundada. Foi um homem de grande frontalidade e coragem política, uma personalidade de referência, pese embora os estudantes mais novos não guardem dele essa memória. Orlando de Carvalho foi, de todos os professores, aquele que exerceu uma influência mais profunda nos alunos, não só como professor de Direito, mas como homem de cultura, de poesia, de cinema, de animador de tertúlias."

Homem de diversos saberes

Orlando de Carvalho nasceu a 1 de Dezembro de 1926. Católico e marxista, o professor de Direito foi uma importante voz crítica no periodo da ditadura fascista em Portugal, afirmando-se e agindo como um democrata. Crítico do regime ditatorial e anti colonialista, não se coibiu de se colocar ao lado das reivindicações estudantis, sendo um dos primeiros e poucos docentes a apoiar plenamente as contestações de 1962 e, mais tarde, as de 1969, com presenças e discursos em Assembleias Magnas. As suas posições valeram-lhe a prisão e tortura em 1961 e 1962, para além da sua não contratação para o quadro docente da FDUC após o seu doutoramento em 1968. Da sua ficha da PIDE constava o incitamento "das camadas jovens a estudarem as doutrinas comunistas (...) orientando a academia de Coimbra para um campo político propício à infiltração das ideias marxistas".

Orlando de Carvalho conseguiu compatibilizar a actividade docente (chegou a ser professor de quatro cadeiras em simultâneo) com uma forte participação em actividades políticas e culturais: para além de autor de obras poéticas, conta com incursões na área do ensaio, da crítica, da estética e da filosofia. Juntou ciência e cidadania "vendo nesta uma dimensão daquela, na dignidade uma dimensão da humanidade", conforme afirmou em entrevista à "Revista"do jornal Expresso, de 1 de Novembro de 1997.

Orlando de Carvalho aquando da sua última aula em Outubro de 1997

Católico e marxista, o professor de Direito foi uma importante voz crítica no período da ditadura fascista em Portugal

Enquanto examinador assumiu uma inflexibilidade e uma exigência que fizeram dele uma das figuras mais temidas da FDUC

Exigente e rigoroso, o velho mestre sempre se assumiu como uma figura de inegável frontalidade. Fê-lo não só a nível político, mas também a nível académico, como o comprova a sua última aula em Outubro de 1997. Na cerimónia de jubilação, Orlando de Carvalho afirmava "não deixar sucessores" nas cadeiras que deixou vagas. Isto para além de fortes críticas ao reitor de então, Rui de Alarcão, a propósito deste ter consentido uma intervenção de Marçal Grilo, então Ministro da Educação, na abertura solene das aulas, num lugar "onde nem os reis falavam", considerando tal autorização uma subordinação da Universidade ao poder político.

Orlando de Carvalho, enquanto examinador, assumiu uma inflexibilidade e uma exigência que fizeram dele uma das figuras mais temidas da FDUC. Tudo em nome da sua "cruzada": fazer do Direito uma ciência de rigor. Na referida entrevista, o Professor afirmava que as suas exigências científicas aos alunos eram feitas em nome de uma "problematização" da matéria, desabafando também que talvez não tivesse valido a pena ser tão exigente, "porque os alunos só querem diplomas".

Com o adeus do velho mestre, desaparece um dos percursores de um ensino focado no humanismo, como o comprova toda a sua teoria de direitos de personalidade, percursora de uma centralização destes em torno do homem, fundamentados, também, em torno de um renascimento "de um certo Direito Natural (...) num sentido do Homem, reaprendido no medo e nas cinzas dos grandes fornos crematórios", como escreveu em 1973.

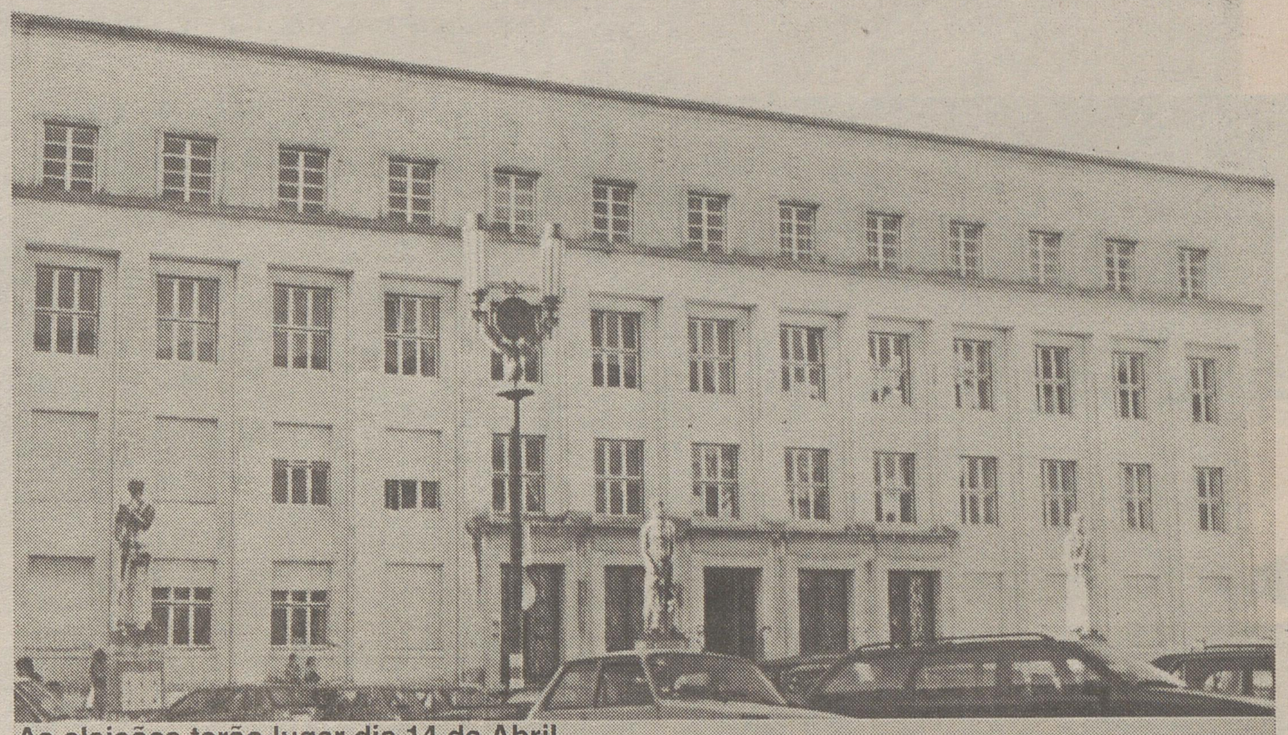
Eduardo Brito

Na revelação de 24 ou 36 fotos oferta de:
* 1 rolo,
* 1 álbum,
* 1 Ampliação 20x30
Revelação em 30 minutos
Após a 6ª revelação oferta da 7ª
FOTO MONTEIRO
Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Estúdio oficial da Queima das Fitas 2000

Eleições para os Órgãos de Gestão agitam FLUC

Oposição em Letras

Dia 12 de Abril realizar–se–ão mais umas eleições para os Órgãos de Gestão da FLUC. Um acto eleitoral que, desde há algum tempo, apresenta um dado novo: a existência de uma lista opositora à Lista U, que há vários anos representa o corpo dos estudantes em Letras.


As eleições terão lugar dia 14 de Abril

"Os dirigentes passam, só os estudantes são eternos..." - é desta forma que o recém-criado projecto E se apresenta perante os estudantes da Faculdade de Letras da UC (FLUC) tendo em vista, e num momento imediato, as eleições para os Órgãos de Gestão da Faculdade.

Este projecto é, aliás, e num espaço de quatro anos, o primeiro a constituir–se como alternativa à lista U, que se encontra no poder há mais de dez anos. Esta longevidade começará por ser um dos vícios de que padece a Lista U e que levaram à criação da referida lista. Nas palavras de David Oliveira, estudante do 2º ano do curso de Inglês–Alemão e um dos responsáveis pelo surgimento do projecto E, "existe um cada vez maior número de pessoas que divergem com a Lista U, que pretende ver alguma coisa mudada na faculdade." Este grupo de alunos pretende apresentar–se como uma alternativa independente e credível aos olhos dos seus colegas, tendo obrigatoriamente por base a defesa dos seus interesses, informando–os e levando–os a participar nas decisões, o que, acusam, não tem vindo a acontecer: "É normal que alguém que está no poder há tanto tempo crie determinados vícios, se torne obsoleto", refere Hugo Vasco, também estudante de Inglês–Alemão e, também ele, outro dos dinamizadores do projecto. "As decisões são tomadas por um grupo de trabalho restrito, um grupo de trabalho que não deixa os restantes estudantes participar". Quanto à composição deste projecto, "trata–se sobretudo de gente que se interessa por estas coisas, que se interessa pela faculdade." No âmbito das eleições para os corpos de estudantes no universo intra–universitário, é quase sempre indissociável a questão dos apoios partidários, nomeadamente provenientes das juventudes partidárias. Admitindo que a sua lista abrange sensibilidades que vão desde o MRPP até ao PSD, Hugo Vasco garante que este é um projecto "inteiramente independente". Para além disso, assumem a intenção de se constituirem numa alternativa, numa oposição credível. "Este não é um projecto que acaba a 12 de Abril."

Questionado sobre o surgimento de uma lista opositora, Luís Urbano, um dos responsáveis máximos da Lista U, não vê nada de negativo no facto: "Antes pelo contrário. É algo de positivo desde que não seja contra as pessoas, desde que seja um projecto pela FLUC." No que concerne a eventuais apoios que possam surgir do lado da Lista E, Urbano refere que a campanha será esclarecedora: "Quando as pessoas virem as caras, formarão a sua própria opinião". No que respeita ao eventual cansaço que os alunos poderão sentir em relação à lista U, Luís Urbano refere estar consciente do trabalho realizado: "Julgo que esse trabalho tem sido feito em prol da FLUC e dos alunos da FLUC. Cabe agora aos estudantes julgar esse trabalho."

À hora do fecho desta edição, existiam ainda hipóteses de surgir uma terceira lista já que o prazo limite para a entrega de candidaturas termina apenas no dia 29.

Sérgio Alves

Pagamento dos retroactivos das bolsas de estudo em atraso

A JCP de Coimbra levantou o problema do tardio pagamento dos retroactivos das bolsas de estudo, mas Luzio Vaz desdramatiza afirmando que o processo não apresenta qualquer anomalia.

Para uma faixa considerável de estudantes da Universidade de Coimbra, uma bolsa de estudo tem importância vital na sobrevivência durante o curso e, por vezes, é mesmo o seu único apoio financeiro. As despesas multiplicam–se e nem todos têm capacidade económica que possa responder eficazmente às necessidades e dificuldades inerentes a uma vivência académica. Todos os meses hà a renda para pagar, alimentação, sebentas, fotocópias e, ainda mais, as propinas dedicam–se de livre e espontânea vontade a arruinar orçamentos muitas vezes calculados e planeados ao mais ínfimo pormenor.

A situação complica–se quando os Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC) não têm disponibilidade financeira para pagar atempadamente as bolsas de estudo, nomeadamente aos alunos do primeiro ano que só conhecem os resultados das candidaturas por volta do mês de Fevereiro. A este problema acresce ainda o dos retroactivos que raramente chegam quando realmente são necessários.

A questão foi levantada em conferência de imprensa pela JCP de Coimbra, que teve conhecimento de alguns casos de estudantes que receberam cartas dos SASUC informando–os que o pagamento dos referidos retroactivos seria efectuado com "algum" atraso. Para além de atribuir as culpas desta situação ao sub–financiamento do ensino superior, o agravamento surge devido ao facto de muitos bolseiros nesta situação não denunciarem o problema ou então não procurarem uma resolução junto dos SASUC. Segundo João Pauzinho "nem todos os alunos da universidade sabem que podem recorrer ao adiantamento de bolsa ou que podem solicitar a ajuda do Administrador dos Serviços, Luzio Vaz".

A tomada de consciência desta situação levou à decisão de apresentar um requerimento ao Ministro da Educação, Guilherme de Oliveira Martins, em sessão parlamentar amanhã dia 29, exigindo uma explicação para o facto de os SASUC não terem dinheiro disponível para efectuar o rápido pagamento das bolsas de estudo.

A perspectiva de Luzio Vaz quanto a esta questão não é tão pessimista, dizendo mesmo que "o pagamento de bolsas e retroactivos está a decorrer sem qualquer anomalia", sendo os únicos montantes em dívida referentes a bolseiros do primeiro ano por se tratarem de bolsas apenas atribuídas no mês de Fevereiro. Segundo dados fornecidos pelos Serviços estes casos são quantificados em cerca de 865 processos dentro de um universo de 4188. Luzio Vaz, no entanto, garante que os pagamentos que ainda não foram efectuados "vão ser regularizados até final do mês de Abril, que é quando teremos disponível a verba necessária para o efeito".

Sede dos Serviços de Acção Social

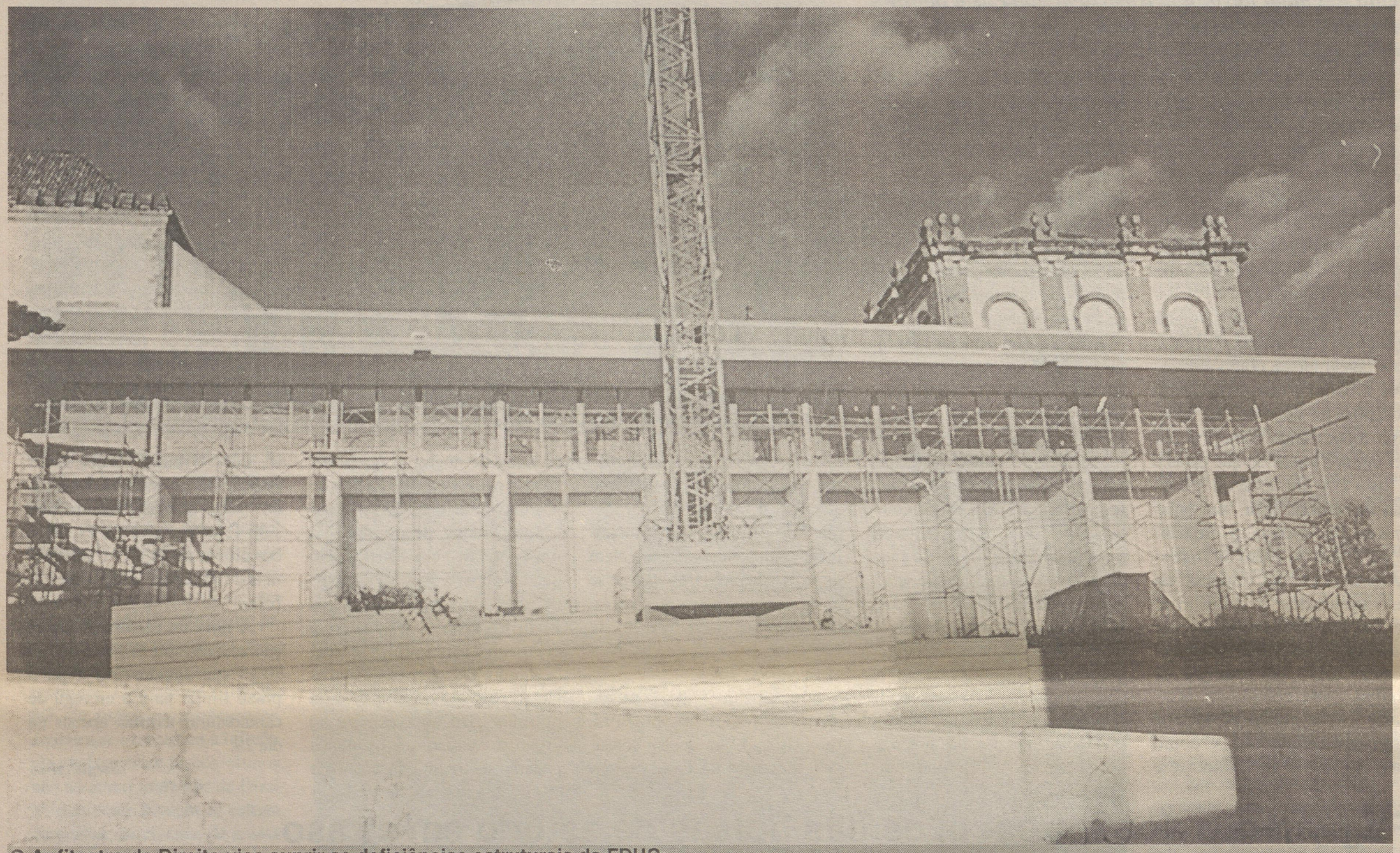
Entretanto, e para todos aqueles que se encontrem nesta situação, convém lembrar que os adiantamentos de bolsas estão ao dispôr de todos aqueles que os solicitem, uma vez que estes existem precisamente para combater problemas desta natureza, cuja resolução está fora do alcance de todos.

Márcia Oliveira

Faculdade de Direito com sala para 500 pessoas

Anfiteatro pronto em Julho

A Universidade de Coimbra, e a Faculdade de Direito em concreto, contará em breve com um novo espaço físico. Com a conclusão das obras prevista para meados deste ano, o novo anfiteatro pretende fazer face às necessidades logísticas da faculdade, bem como funcionar também como mais um cartão de visita da instituição.



O Anfiteatro de Direito visa suprir as deficiências estruturais da FDUC

O novo Anfiteatro da Faculdade de Direito é uma das obras mais esperadas da Universidade de Coimbra. Muito se discorreu sobre este empreendimento, nomeadamente no que diz respeito à questão dos prazos de conclusão da obra . O seu director, o engenheiro Adriano Peão, afirmou à CABRA que a desejada obra estará concluída em Julho próximo, faltando apenas a aplicação de carteiras e de cadeiras que não são obviamente da sua responsabilidade. A construção deste novo espaço da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC) teve o seu início em Setembro de 1998 e apenas "conheceu os atrasos normais de uma qualquer obra desta envergadura", nas palavras do Presidente do Conselho Directivo da FDUC, António José Avelãs Nunes.

Para além do anfiteatro propriamente dito, com uma capacidade para 500 pessoas sentadas, este moderno edifício contará com uma sala de professores, uma sala de exposições com bar e terraço acessível, sendo a comunicação interior feita através de elevadores, contando ainda com facilidades exteriores de acesso à Faculdade de Farmácia e Biblioteca Joanina.

Segundo o engenheiro Adriano Peão, no âmbito dos problemas normais que surgem em qualquer tipo de obra, houve necessidade de efectuar uma remodelação sanitária, uma vez que as casas–de–banho antigas da Faculdade de Direito foram destruídas e construídas outras no seu lugar, com melhores condições para o uso dos estudantes, no decurso da construção do anfiteatro. Nas palavras do director da obra, o novo edifício é "extremamente bonito e nobre, sendo moderno no seu todo, mais precisamente nos seus acabamentos".

Quando entrar em funcionamento, o novo anfiteatro, segundo o Doutor Avelãs Nunes, irá ser palco de aulas dos anos iniciais da licenciatura em direito, uma vez que as aulas dos primeiros anos são as mais concorridas de todo o curso. Este facto é comprovado pela necessidade de recorrer ao anfiteatro Paulo Quintela, na Faculdade de Letras, para conseguir albergar as largas centenas de alunos que assistem às aulas de Introdução ao Direito, cadeira ministrada no primeiro ano do curso.

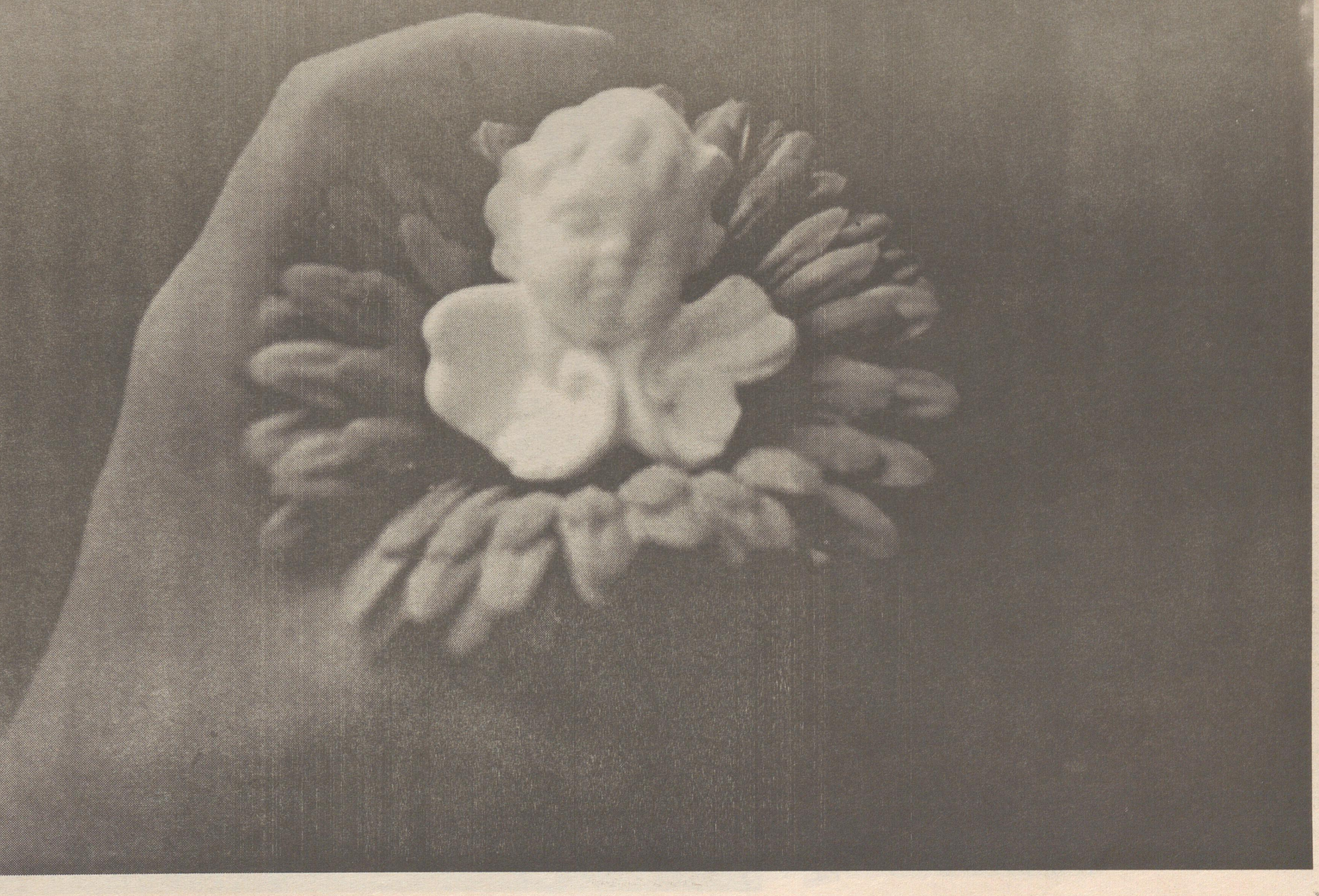
Mas não só para aulas servirá esta obra. O anfiteatro encontra–se também vocacionado para conferências e colóquios com todas as comodidades e requisitos necessários para um bom desenrolar deste tipo de eventos. Desta forma, a FDUC ficará apetrechada com um recinto moderno, que não só contribuirá para uma melhor formação dos seus alunos, mas também para um maior enriquecimento do seu património fisíco e, sobretudo, para solucionar os problemas de sobrelotação das salas de aulas. Ainda nas palavras do presidente de Conselho Directivo da FDUC, o anfiteatro "estará pronto a tempo".

Guilherme Oliveira

Ficha Técnica

Director: Bruno Ferreira **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Bruno Vale, Nuno Curado, Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Sérgio Alves **Redacção:** Ana Laura, Ana Pais, Andreia Gouveia, Bruno Vale, Cecília Santos, Daniel Marinho Pires, David Pereira Bastos, Eduardo Brito, Fernando Nunes, Graça Costa, Guilherme Oliveira, Helder Silva Dantas, Hugo Ferreira, João Vaz, José Carlos Santos,Leonor Tato, Pedro Correia, Ricardo S. Salgado, Rui Silva, Sérgio Alves, Sónia Martins, Susana Almeida, Susana Martins **Colaboradores:** Ana Drago, André de Brito Correia, Rosário Salvado, Tiago Maranhão, Ana Sousa, Cátia Cabrita, Filipe Vicente, Nuno Dias, Paulo Teixeira, Rui Correia,Tiago Marques **Fotografia:** Renata Pimenta, Nuno Curado, Rui Simões **Publicidade:** Bruno Vale contacto - 966337197 / 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

VII Caminhos do Cinema Português



Mal

07. 04
21,45 h

Cloria

01. 04
21,15 h

Entre Nós

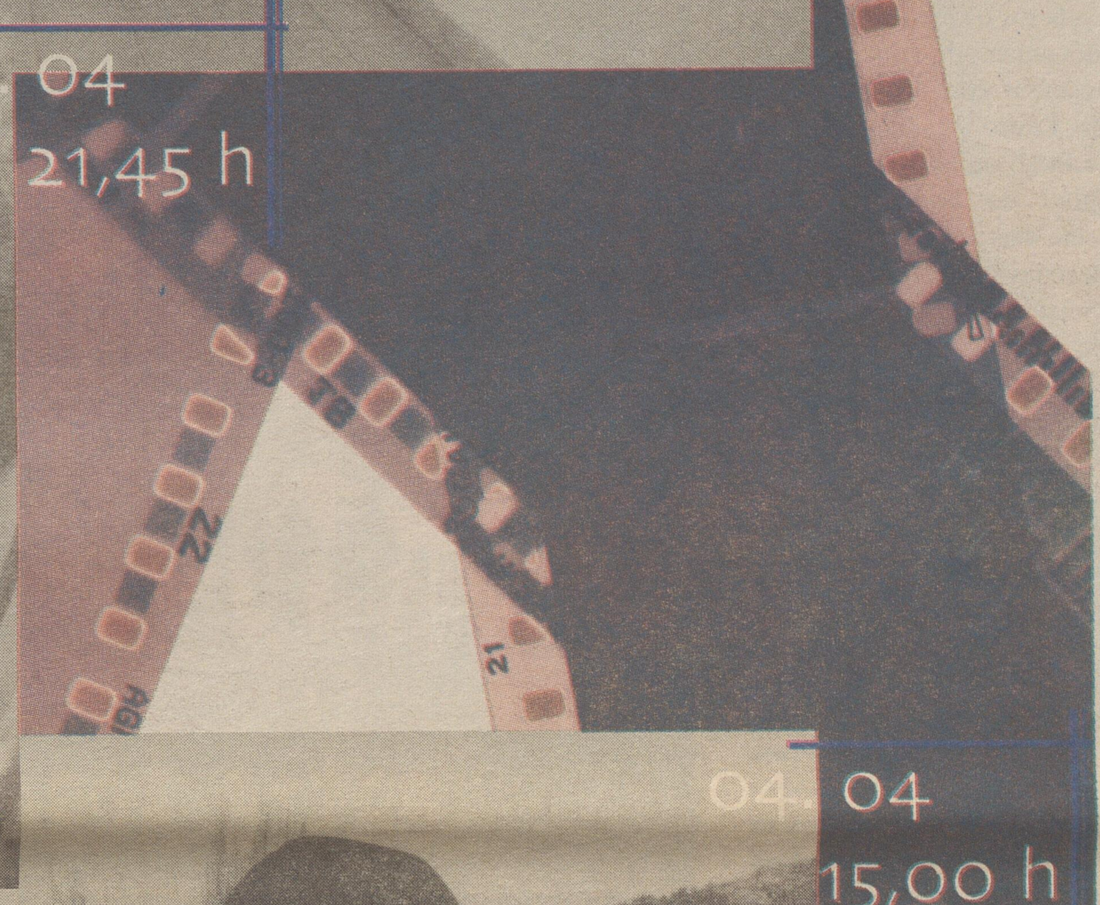
05. 04
21,45 h

Pedido de Emprego

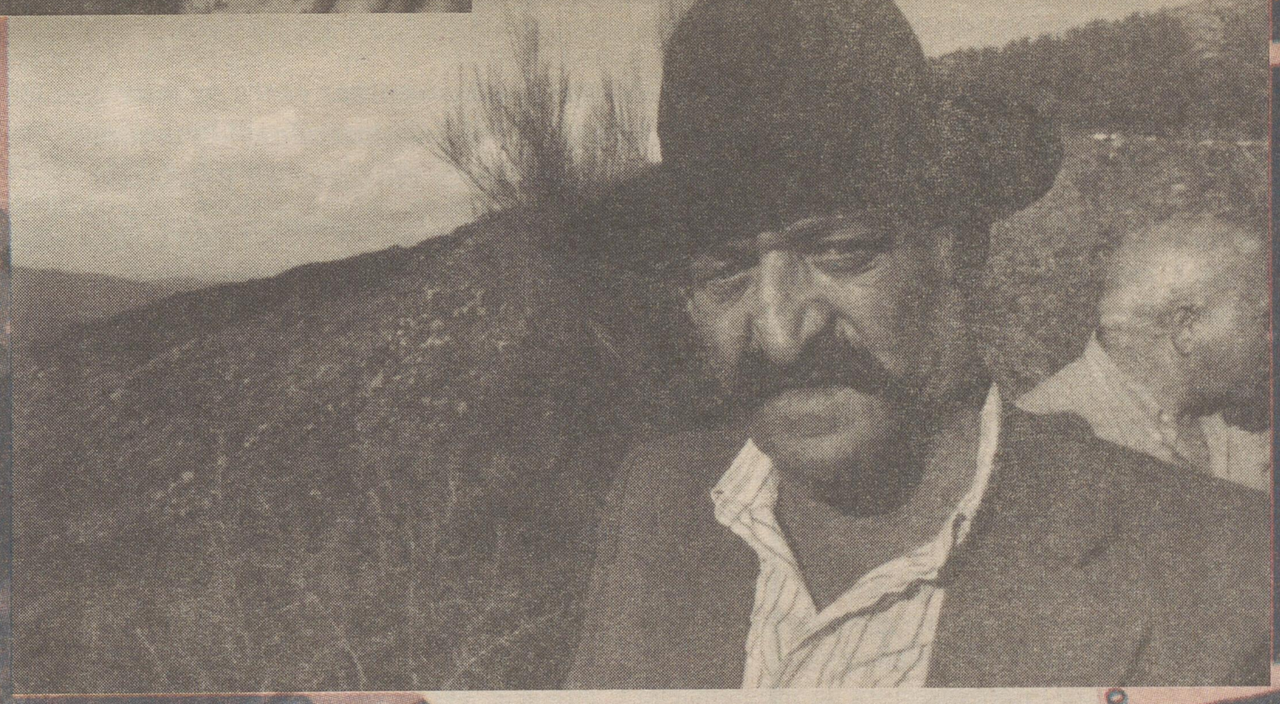
Cinemaamor

05. 04
18,00 h

03. 04
21,45 h



04. 04
15,00 h



Entraste no jogo...

04
21,45 h

Respirar "Debaixo de Água"

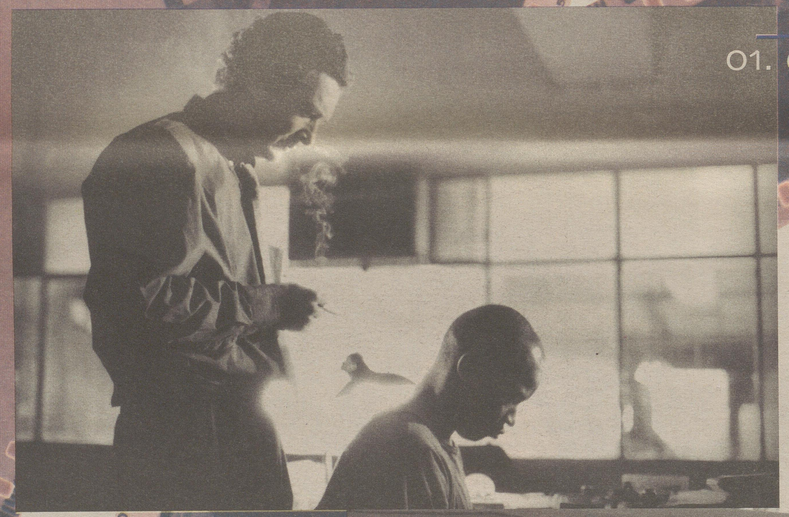
02. 04
21,45 h

Pedido de Emprego

05. 04
21,45 h

Entre Nós

01. 04
21,15 h



Mal

07. 04
21,45 h

Glória

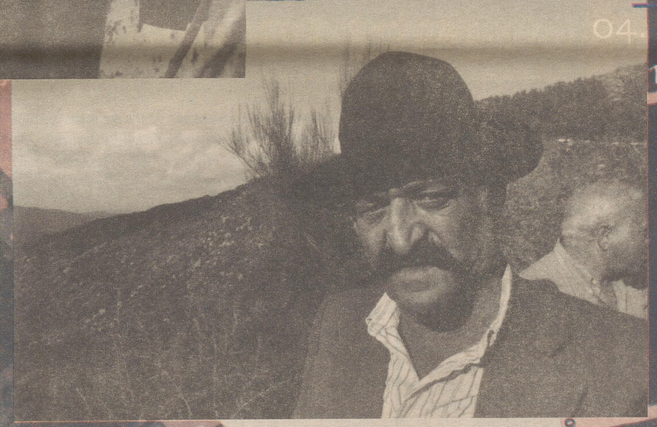
03. 04
21,45 h

Cinemaamor

05. 04
18,00 h

Entraste no jogo ...

04. 04
15,00 h



Respirar "Debaixo de Água"

02. 04
21,45 h

Da Plateia

VII CCP

A sétima edição dos Caminhos do Cinema Português é mais uma pequena pérola cinematográfica para aqueles que, tanto na cidade como na academia, seguem e apreciam o mais recente cinema que se faz em Portugal. A organização pertence ao Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra que há muitos anos se preocupa em dar a conhecer a produção fílmica nacional e promoverá em Abril colóquios relacionados com a produção, documentário e animação.

Os principais cineastas portugueses dos géneros da longa e curta metragem, documentário e vídeo far–se–ão representar com os seus filmes na tela do Teatro Académico de Gil Vicente e farão da cidade de Coimbra a capital do cinema português. Durante sete dias serão exibidos mais de três dezenas de filmes: "Mal", de Alberto Seixas Santos, "As Bodas de Deus", de João César Monteiro, "A Carta" de Manoel de Oliveira, "A Noite" de Regina Pessoa, "Glória", de Manuela Viegas, "Pedido de Emprego" de Pedro Caldas, são alguns dos muitos filmes presentes. O vídeo faz–se representar pela primeira vez e o documentário demonstra os seus novos desenvolvimentos.

Há, portanto, muitas razões para acompanhar do príncipio ao fim este festival. Começa–se logo por afirmar que não há nada semelhante no resto do país e que muitos destes filmes regressarão às prateleiras de um arquivo qualquer mal terminem com a sua exibição. Escusado será também confirmar que as salas de cinema das cidades, vilas e aldeias de onde muitos de nós somos oriundos nunca terão estes filmes portugueses em cartaz.

Fala–se, é verdade, da actual pujança de outros festivais que vão acontecendo em outras cidades portuguesas. É mais que reconhecida a vitalidade do Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde, do Fantasporto, de Troia e e do Cinanima, em Espinho. O público de Coimbra tem acolhido com entusiasmo o cinema português, há muita coisa ainda por fazer e seria mesmo muito importante confirmar o crescimento destes Caminhos que não se querem tortuosos mas verdadeiramente cinematográficos. À falácia "não gosto de cinema português" só se pode responder com o afirmativo "vê primeiro e critica depois!". É que, duma vez por todas, só se pode gostar ou odiar aquilo que se conhece.

Estes sete dias de cinema nacional são mais uma vez organizados, suados e promovidos por estudantes da Associação Académica. O sete é por isso um número mágico tal como a arte em que decidiram apostar o seu esforço e criatividade na divulgação. Os membros do CEC (Centro de Estudos Cinematográficos) sabem que cada ano que passa a festa tem que ser maior e melhor organizada. Está na altura de darmos o nosso contributo. E, sempre que possível, a nossa presença!

Fernando Nunes

O único festival do cinema português começa em Abril

Caminhos cinéfilos

Longas, curtas metragens, vídeos e documentários de 1 a 8 de Abril

Os Caminhos do Cinema Português vão decorrer entre os dias 1 e 8 de Abril, com diversas actividades programadas. O cinema será debatido nos vários colóquios e os cinéfilos da produção nacional terão oportunidade de descobrir novos realizadores, a par dos já consagrados. O cinema português marca assim presença no TAGV.

Até esta edição, os Caminhos do Cinema Português (CCP) só admitia filmes em formato de película de 35mm. Esta forma de gravação é muito cara. Por isso, de algum tempo para cá, as produtoras cinematográficas estão a apostar nos novos formatos de gravação (Betacam, DVD e DV–cam). Assim, a novidade deste ano reside no alargamento do formato dos filmes a concurso.

Lia Pinto, directora de programação dos CCP, realça o dia quatro do próximo mês, dedicado ao formato de Betacam, em que os novos talentos do cinema português podem mostrar aquilo que têm feito. Exemplo disto é a mais recente obra de Pedro Sena Nunes, com o seu título prolixo: "Entraste no jogo tens de jogar, assim na terra como no céu", que será passado no dia quatro de Abril. "Eu nem sabia que este filme existia", acrescentou Lia Pinto.

Este certame tem vindo a constituir uma oportunidade para o público entrar em contacto com obras que não chegam a estrear comercialmente. Lia Pinto faz a apologia do festival, no sentido em que é uma alternativa para o cinema habitual que estreia nas salas. A presença de documentários, curtas e médias metragens, filmes de animação e as habituais longas metragens, oferece um leque de hipoteses para tentar agradar a todos os gostos.

Indiferença Infernal

Quanto a alguns filmes que não constam do programa, esta directora fala do caso da obra de Joaquim Leitão - "Inferno". O produtor do filme, Tino Navarro, mostrou desinteresse em exibi–lo. "Não percebi bem porquê" é a resposta da responsável pela programação quanto a esta ausência. Do mesmo modo, existem filmes que "têm contrato com diversos festivais europeus" para serem exibidos em primeira mão fora de Portugal, como é o caso de "Capitães de Abril", de Maria de Medeiros.

Mesmo assim, Lia Pinto tem razões para estar satisfeita com a programação do certame. Refere que várias obras de grande qualidade serão exibidas nos Caminhos do Cinema Português. "Entre nós" de Margarida Cardoso, que já ganhou diversos prémios europeus de cinema, é o filme de abertura deste espectáculo.

As únicas ante–estreias previstas acabaram por ser estreadas no Teatro Académico Gil Vicente (TAGV). "Respirar (debaixo d'água)" de António Ferreira e "Cinemaamor" de Jacinto Lucas Pires já passaram no início desta semana. Lia Pinto está conformada com este aspecto, já que "não queria cortar as asas a ninguém".

O júri dos CCP será constituído pelas seguintes pessoas: Abílio Hernandez, director da Sala de Estudos Cinematográficos da Faculdade de Letras; Ana Pires, da Direcção Regional da Cultura do Centro; Fausto Cruchinho, professor de História do Cinema Português; Bruno Dias, ex–director do Centro de Estudos Cinematográficos e, finalmente, Alexandre Ramires da Imagoteca.

Quanto aos colóquios, serão debatidos vários aspectos relativos ao cinema português. O primeiro, cujo tema é "Documentário", será no dia 3 de Abril, às 18.00 e terá a presença dos cineastas Pedro Sena Nunes, João Garção Borges e António Loja Neves. Carolina Simões, a moderadora do colóquio, diz que um dos objectivos é estabelecer uma ligação entre a "família nova" de realizadores, que inclui os oradores presentes e a velha guarda do documentário em Portugal.

Uma curiosidade que será abordada é a progressiva viragem para o documentário por parte das novas promessas cinematográficas. Ou seja, a ideia do documentário "como um fim em si mesmo", esclarece a própria, ao contrário dos filmes de ficção quando o realizador já tem experiência.

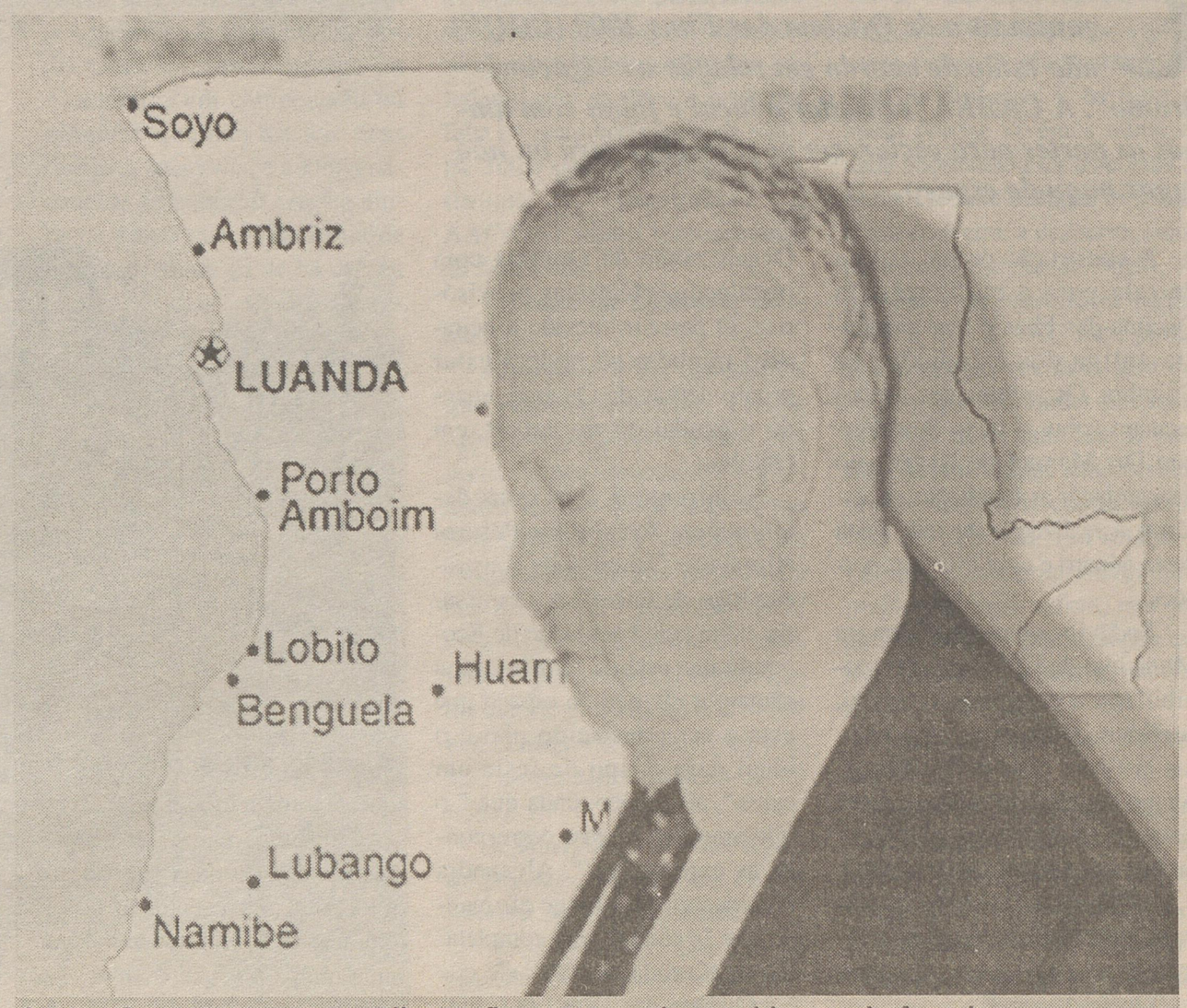
No dia 6 de Abril, os realizadores Raquel Freire (de "Rio Vermelho"), Jorge Neves ("Jorge Molder") e Pedro Caldas ("Pedido de Emprego") vão debater a produção cinematográfica. No último dia do festival, destaque para o colóquio sobre "Animação", com diversos profissionais do meio, incluindo Abi Feijó.

Helder Silva Dantas

Caso Soares debatido pela comunidade angolana em Coimbra

(So)ares de Angola

Em Coimbra como em Luanda a polémica que envolve a família Soares é alvo de discussão. E cá como lá a divisão existente num país em guerra civil influencia as posições sobre o tema. Mas cá ao contrário de lá o debate faz–se sem medo de represálias e com os simpatizantes de ambas as facções partidárias sentadas à mesma mesa.



O caso Soares promoveu a discussão em torno dos problemas de Angola

Longe de Estrasburgo e ainda mais de Luanda, a comunidade angolana em Coimbra ouviu a troca de acusações entre Mário Soares e algumas personalidades do governo de Angola com a apreensão normal de quem assiste a uma confusão diplomática entre o seu país de origem e o país onde vivem há alguns anos. As declarações de Mário Soares sobre a violação dos direitos humanos em Angola e a pronta reacção do governo angolano acusando a Familia Soares de benefeciária do tráfico de diamantes promovido pela UNITA dividiram a cena política portuguesa e provocaram igual reacção nos estudantes angolanos. Se a estas declarações juntarmos os recentes relatórios da organização não governamental de defesa dos direitos humanos, Global Witness, tecendo duras críticas ao governo do MPLA, e o relatório Fowler realizado sob a égide da ONU denunciando os "amigos" da UNITA pode quase dizer–se que o que se discute na "questão Soares" representa praticamente um debate sobre o estado da nação angolana.

Mesa–redonda

É nesse sentido que as declarações de alguns estudantes angolanos sobre o assunto se desenrola. Como que numa mesa–redonda Bento Monteiro, militante da UNITA, Manuel Damião, militante do MPLA e Arlindo Timóteo Filipe, presidente da Associação de Estudantes Angolanos discorrem sobre o assunto e são unânimes em reconhecer a frequência com que o assunto tem sido discutido. Mas reconhecem também o carácter aberto que uma conversa destas pode levar num país democrático e onde as pessoas recebem uma formação democrática desde cedo. Mas se uma unanimidade se pode encontrar as divergências nascem logo quando se afirma a ideologia partidária que cada um defende.

Para Bento Monteiro não há duvidas de que as afirmações de Mário Soares são verdadeiras e que para além disso nem sequer são novas, limitam–se a reconhecer aquilo que os partidos da oposição em Angola, e nomeadamente a UNITA, têm vindo a dizer. "O governo angolano deu um tiro no pé e passa por mentiroso e criminoso junto da comunidade internacional", conclui.

Já o presidente da Associação que reúne os estudantes angolanos realça o timing com que o actual parlamentar europeu proferiu as suas afirmações duvidando da sua inocência, "parece–me que o Dr. Mário Soares pretende que se volte às negociações". Afirmando que as violações dos direitos humanos são também sistemáticas nos territórios controlados pela Unita Arlindo Filipe chega a dizer que "se o Sr. Soares auscultasse a comunidade angolana veria que a sua intervenção no parlamento europeu não é a melhor maneira de ajudar o povo angolano a conseguir a paz". Ainda que não seja um apoiante acérrimo do governo angolano diz estar apenas a manifestar a opinião generalizada dos angolanos.

Manuel Damião, militante assumido do MPLA é quem acaba por dizer que "no caso Soares, todos estão a falar verdade, há sinais evidentes disso". Culpa o estado de guerra, e a UNITA por ter conduzido o país a tal situação, pelas violações dos direitos humanos que se verificam no país bem como pela corrupção que atingiu algumas das cúpulas do Estado e considera ser muito díficl implantar em Angola um Estado de direito de facto por se viver em guerra há tantos anos. Para este estudante de direito, Mário Soares representa um "lobby forte da UNITA e de Jonas Savimbi". Já o MPLA tem como "lobby toda a comunidade internacional que está interessada na paz".

Os 2% do petróleo

A reacção do governo português é também analisada ao mílimetro nestas discussões e os "interesses" portugueses em Angola são por todos recordados quando se pretende justificar ou criticar a estratégia seguida por António Gueterres e Jaime Gama nesta questão. O presidente da Associação de Estudantes Angolanos, Arlindo Filipe, considerou a atitude de São Bento de "realista" uma vez que se podia comprometer muitos interesses, nomeadamente o das empresas portuguesas em Angola. Empresas estas de que Bento Monteiro também fala ao lembrar os políticos portugueses que as possuem. O petróleo é também referido por este militante da UNITA que chega a falar nas "negociações em curso entre os dois estados para que 2% das receitas do petróleo reverta a favor de Portugal". Cáustica é a sua posição ao afirmar que "vamos continuar a permitir que os angolanos continuem a morrer por causa destas razões".

Feridas constantes

As referências históricas aos acordos de Bicesse, aos acontecimentos que se lhe seguiram e ao futuro político–militar do país são uma constante nas palavras dos três interlocutores e uma vez mais tendem a ser proferidas no sentido de apoiar o partido que consideram o ideal para governar Angola.

Manuel Damião, militante do MPLA, tem a UNITA como a principal responsável pelo retorno da guerra a Angola salientando a má–fé que a facção de Jonas Savimbi sempre teve no processo. E se "compreendia a luta da UNITA pelo multipartidarismo e pela democracia até 1991, depois já não entendo". Convicto de que "a paz tem que passar necessariamente pelo diálogo" e que o caminho a seguir é a democracia fala das novas gerações, "mais abertas, com mais debate".

Exemplificativa das divisões do povo angolano é a posição contrária que Armindo Filipe assume ao transmitir, na sua opinião, o "sentimento geral de que a situação não passa pelas mesas de negociações". Confrontado com o relatório da Global Witness sobre utilização dos lucros do petróleo no financiamento directo da guerra afirma que "um estado soberano tem toda a legitimidade para usar livremente os seus recursos" e lembra que nos territórios controlados pela UNITA as violações dos direitos humanos são também uma infeliz realidade.

A UNITA é naturalmente defendida pelo seu militante, Bento Monteiro, para quem o seu partido só combate "porque é obrigado, porque tem uma população que não pode deixar morrer". E se diz notar a diferença de posições assumidas pelos estudantes angolanos que cresceram em Portugal em relação aos que só quando chegaram à Universidade vieram para Coimbra, afirma também não poder "censurar os jovens que têm atitudes mais radicais".

Adeodato Valente Pinto

4º Encontro de Gestão e Tecnologias de Informação

Desafios Empresariais

Casos de Sucesso:
Tecnologias desenvolvidas em Portugal

Para além das questões técnicas...

Informação na sociedade actual

5 de Abril de 2000
Auditório da Reitoria
Universidade de Coimbra

http://www.dei.uc.pt/encontro

Câmara e Queima em polémica

De costas voltadas

Câmara Municipal de Coimbra e Comissão Organizadora da Queima das Fitas 2000 (COQF) não estão de acordo em relação ao "Queimódromo". A CABRA foi visitar o local e falou com ambas as partes para esclarecer se a Queima terá ou não lugar naquele espaço.

Alexandra Pereira: "construído assim, o 'Queimódromo' é ridículo"

A construção de um espaço de raiz para a realização da Queima das Fitas é uma exigência antiga dos estudantes de Coimbra. Os argumentos usados recaíam sobre o facto de o Parque Dr. Manuel de Braga não providenciar as condições necessárias à realização de uma festa deste género e com estas proporções.

Todavia, quando a Câmara Municipal de Coimbra se disponibilizou a construir o espaço, surgiram de imediato as primeiras críticas, quer pelo facto de ser no "Japão" praxístico, quer pelo facto de poder não ficar pronto a tempo da Queima 2000.

A CABRA foi saber do andamento das obras e ouviu a câmara e a COQF sobre o chamado "Queimódromo".

Terminando o prazo das obras no próximo dia 31 de Março, câmara e COQF não se entendem em relação à disposição dos equipamentos no espaço, em relação a prazos e outros aspectos de importância fundamental para que a Queima se realize na data e local previstos.

Fontes da câmara garantem que o recinto estará pronto "pelo menos para as comemorações oficiais do dia 25 de Abril". Segundo as mesmas fontes, só não estará pronto o edifício de apoio aos espectáculos que terá os camarins, as casas–de–banho, as salas de conferência, espaços de restauração e outros equipamentos necessários num recinto de espectáculos. Este edifício apenas estará pronto depois da Queima das Fitas. Também as instalações definitivas de electricidade não estarão ainda prontas na altura da festa, contando já a Organização da Queima com instalações eléctricas provisórias. O passeio iniciado à beira–rio também só poderá estar pronto depois da Queima, quando o caudal do rio baixar, em Outubro.

Confrontada com estas declarações, Alexandra Pereira afirma que "há erros de construção logo de início". A Comissária eleita pela Faculdade de Economia não está de acordo com a câmara e diz que "o espaço que está a ser construído não é o ideal para o tipo de festa em causa", afirmando ainda que " o 'Queimódromo' não corresponde às expectativas". Alexandra Pereira vai mais longe afirmando que "a câmara está completamente afastada da realidade que é a Queima das Fitas em Coimbra".

A COQF também não vê com bons olhos o facto de a câmara não querer utilizar nenhum tipo de vedação a partir do final do muro do recinto. "Se não utilizarmos vedação vai ser muito fácil as pessoas verem o espectáculo a partir da estrada ou das bombas de gasolina", afirma Alexandra Pereira, que se sente "indignada com o facto de a câmara se dizer tão preocupada com a segurança em relação à Estrada Nacional 1 quando, se não aceitar pôr a vedação, as pessoas se vão juntar daquele lado do recinto para tentar assistir aos concertos gratuitamente, o que se torna muito inseguro".

A câmara municipal, em resposta a esta acusação, afirma que "se forem utilizados outros mecanismos, nomeadamente painéis publicitários, pode–se evitar a utilização de vedações, que se tornam inestéticas".

Outro dos pontos de discussão entre estas duas entidades é a localização das entradas no recinto. A COQF pretende colocar uma rampa no final do muro do recinto ao lado da EN1. A Comissária de Economia argumenta que "a entrada por ali iria facilitar muito as coisas em termos de organização, pois permitir–nos–ia utilizar a pequena praceta que fica ao fundo da rampa já construída para colocar as bilheteiras sem pôr em risco a segurança das pessoas por causa do rio".

Em relação a este ponto, a câmara responde que "ao fundo da rampa principal poder–se–iam colocar as equipas de assistência e os mergulhadores, o que iria dissuadir as pessoas de se aproximar do rio" e argumenta ainda que "a praceta tem capacidade para muitas pessoas, pelo que a segurança naquele sítio está arrumada e tem que haver mais preocupação com a EN1".

Alexandra Pereira disse a A CABRA que "a ser construído assim, o 'Queimódromo' é ridículo" e que "o recinto que está a ser construído será melhor do que o Parque Dr. Manuel de Braga quando estiver pronto, mas mesmo assim não será o ideal". A Comissária do Parque e Infraestruturas afirma que o recinto não deveria ser posto à prova pela Queima das Fitas com tão pouco espaço de tempo entre o fim previsto para as obras e o início da festa, afirmando ainda que "se não tivermos as condições que propomos a Queima será pior, quer a nível de segurança, quer a nível de organização, sobretudo no backstage, que será pequeníssimo e sem condições nenhumas".

A câmara responde que são apenas "birras da Organização da Queima, porque o espaço tem todas as condições necessárias para a realização da festa".

A CABRA esteve no recinto do Queimódromo e pôde ver as três áreas que o constituem. Assim, existe uma pequena área de relvado mais resistente entre o caminho que atravessa o recinto, paralelamente ao rio, e o muro do lado da EN1. Esta zona tem construídos dois pavilhões que servirão de pequenos quiosques de vendas para os feirantes que antes ocupavam aquele espaço. Entre essa área e o rio, existe uma outra área de relvado mais fraco, único local onde poderá ficar o palco secundário para não interferir com o som do palco principal. A área do palco principal, que fica entre o caminho, a zona de relva mais fraca e a rampa de entrada, será coberta com saibro.

Assim, com a Queima a ter início a 4 de Maio, estão ainda por definir as entradas, a localização das casas–de–banho, a localização das bilheteiras e das habituais barraquinhas de comidas e bebidas, bem como a localização da área de trabalho da organização e do backstage. Também estão por definir os aspectos principais da segurança do recinto, nomeadamente a vedação.

Confrontada com todas estas questões, Alexandra Pereira assegurou que a Queima "estará pronta a tempo, se não for no Queimódromo será no Parque [Dr. Manuel de Braga]".

Pedro Correia

Zona ribeirinha em recuperação

A construção do "Queimódromo" está integrada na primeira fase da recuperação da área ribeirinha da cidade, que foi apresentada como objectivo estratégico da Câmara Municipal de Coimbra, no Plano Director Municipal de 1990. Fontes da Câmara explicaram a A CABRA que "como todos os objectivos estratégicos (políticos), esta recuperação da zona ribeirinha coimbrã irá ser efectuada a longo prazo e dividida em várias fases, até porque o trabalho a fazer implica obras de grande porte e despesas avultadas".

O projecto camarário foi denominado de "Parque Verde Mondego" e a sua área de intervenção estende–se por ambas as margens do rio. Na margem esquerda, abrange a zona compreendida entre a Ponte de Santa Clara (estando em conversações o facto de se incluir ou não o Estádio Universitário) e a futura Ponte Europa, junto ao Quartel da Guarda Fiscal, onde termina o perímetro urbano. Fica de fora do âmbito do projecto o Choupal por não estar sob a tutela da câmara, mas sim sob a do Instituto da Conservação da Natureza.

Na margem direita do rio a intervenção deste projecto recai sobre a área compreendida entre o Parque Dr. Manuel de Braga e a Av. Urbano Duarte, embora posteriormante, com as urbanizações previstas para essa área, este projecto avance até à Portela.

A primeira fase do projecto abrange não só a construção do "Queimódromo", como também a continuação do Parque Dr. Manuel de Braga, dissimulando o actual parque de estacionamento situado no final do mesmo.

A intenção da câmara é inovar e animar a zona e dotá–la de vários equipamentos sociais, lúdicos e desportivos de forma a torná–la no centro da vida citadina, preservando, no entanto, a sua estrutura histórica.

Das várias iniciativas previstas neste projecto (entre a construção de jardins, fontes, espaços de restauração e lazer, entre outros) são de destacar a construção de um centro de congressos e de um parque temático. O primeiro será construído no Convento de S. Luis, que tem vindo a ser recuperado, e contará com quatro auditórios, um deles com mais de 1500 lugares. O segundo, cujo nome provisório é "Parque Temático de Ciência, Cultura e Lazer", será construído em substituição da Europa dos Pequeninos, que a Fundação Bissaya Barreto preferiu construir em Aveiro.

PC

Presidente do OAF em entrevista

"A filosofia do clube-escola"

A 15 dias das eleições que o vão reconduzir no cargo de Presidente da AAC/OAF, Campos Coroa fala da relação entre o clube e a Academia. Crente na subida de divisão, reafirma a filosofia do clube–escola como algo "absolutamente prioritário".

Dia 12 de Abril será dia de eleições para os Corpos Gerentes da Associação Académica de Coimbra/ Organismo Autónomo de Futebol (AAC/OAF). Encabeçando a única lista candidata à Direcção, Emílio Campos Coroa prepara–se para suceder a ele próprio. No balanço do mandato, refere filosofias, feitos, objetivos e esperanças. "Sou um tipo optimista", sublinha.

Como é a relação entre a AAC/OAF e a Academia? Nota–se algum tipo de afastamento e falta de ligação entre as duas académicas?

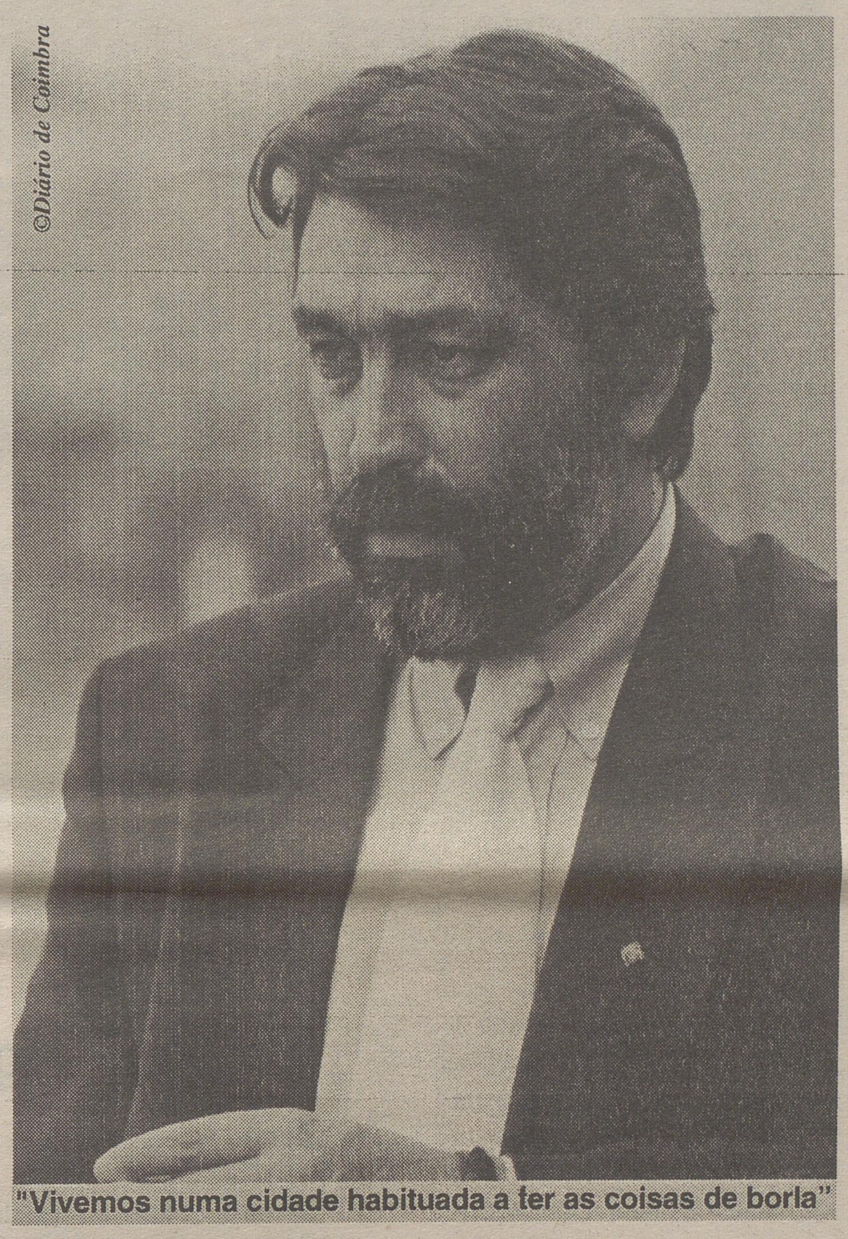
Antes pelo contrário. É uma relação de perfeito entendimento, bastante melhor que a existente há dez, vinte anos atrás. Temos uma excelente relação com todos os dirigentes, quer com as direcções actuais, quer com as direcções anteriores, que se consubstancia no protocolo que temos firmado com a Direcção Geral (DG), e que regulariza as relacões institucionais entre ambas as direcções. E estamos em crer que a situação só pode melhorar.

Em que consiste concretamente esse protocolo?

É um protocolo assinado, em Junho de 98, por mim e pelo então presidente da DG/AAC, António Silva, e testemunhado pelo Reitor Rui de Alarcão. Consiste fundamentalmente no estabelecer de determinadas regras, trocas de publicidade, trocas de espaços, e outras coisas, como por exemplo uma percentagem que o OAF desde então tem vindo a cumprir, e que está relacionada com dinheiro do Bingo, para além da participação do OAF no Conselho Desportivo, nomeadamente no Plenário das Secções. Da nossa direcção faz parte, ainda, um membro da DG, o seu presidente ou um representante por ele nomeado. Já está definido que no próximo elenco irá participar, com direito a voto, um membro designado pela DG/AAC. São, pois, relações perfeitamente claras e transparentes.

Mas não acha que existe uma tendência para que a AAC/OAF seja cada vez menos o clube dos estudantes universitários de Coimbra, sendo um clube cada vez mais de Coimbra–cidade?

Acho que não. A AAC/OAF é composta, e isto é algo de fundamental para nós, por um vasto núcleo de estudantes universitários. Na época transacta eram 19 e nesta são 15. Acontece frequentemente que a equipa entre em campo com cerca de 6 a 7 estudantes universitários. Continuamos, por isso e não só, a ter o apoio da Academia. E estou convicto que existe uma cada vez maior aproximação. A AAC/OAF representa não só a cidade de Coimbra, mas também a Academia de Coimbra. Quando entra qualquer equipa da Académica em campo, não há ninguém que não associe essa equipa à Academia e à Universidade de Coimbra. É preciso ainda constatar que a Academia de hoje é diferente da de há dez ou vinte anos atrás. Os estudantes vão cada vez mais a suas casas no fim–de–semana, pelo que o nosso público fica na maioria a ser formado pela gente de Coimbra. A confirmar isso temos o exemplo dos jogos que realizámos o ano passado a meio da semana e que registaram exelentes assistências. Estou perfeitamente convencido, pois, que o facto de não termos maior assistência estudantil não se deve a qualquer falta de reconhecimento da equipa. Julgo que os estudantes continuam a reconhecer a AAC/OAF como representante da Academia.



"Vivemos numa cidade habituada a ter as coisas de borla"

Coimbra não é uma cidade bairrista. É uma cidade saudosista. É muito mais fácil captar apoios fora de Coimbra

Quando entra qualquer equipa da Académica em campo, não há ninguém que não associe essa equipa à Academia e à Universidade de Coimbra.

Acredita na subida de divisão?

Acredito e estou convencido que vamos conseguir. Temos agora o jogo com o Varzim, não decisivo, mas de extrema importância para as nossas aspirações. Nas primeiras 9 jornadas do campeonato fizemos 13 pontos e nas primeiras 9 jornadas da 2ª volta fizemos também os mesmos 13 pontos. Estou esperançado que na 2ª metade da 2ª volta nós consigamos inverter as coisas, como aliás fizemos na 1ª volta.

A filosofia do clube–escola, do jogador–estudante, continuará a ser uma prioridade?

Absolutamente. Quando assim não for, vou–me embora.

O que falta à AAC/OAF para se cimentar definitivamente como um clube primeira divisão, sendo que tem um prestígio e um historial que quase o exigem?

São várias as coisas que faltam, se bem que tenha havido uma evolução muito grande. Falta que os atletas estabilizem aqui em Coimbra. Acontece que, quando começam a atingir um certo nível, vão–se embora. E estou em crer que uma das razões que contribuem para que isso aconteça prende–se com a dificuldade que os jogadores têm em conciliar uma actividade profissional com os estudos e os exames, tendo muito mais dificuldade em progredir na carreira académica. Por isso, seria importante que o Senado Universitário tivesse sensibilidade para isso. A Universidade tem que entender que os atletas da Académica (não só do futebol como também de outras modalidades) representam não só a Academia como também a Universidade. Devia haver a possibilidade de escolher horários, de fazer frequências em alturas diferenciadas, etc... Estamos, juntamente com o Conselho Desportivo, a fazer pressão nesse sentido junto do Senado. Se os atletas tiverem uma progressão razoável na carreira académica, será mais difícil para esses atletas deixar a Académica.

Mas há, sobretudo, um conjunto de problemas estruturais...

Precisamente. Depois, vem o problema dos espaços físicos e da falta de condições para desenvolver o trabalho, especialmente a nível da formação juvenil. E outro factor é, efectivamente, a falta de dinheiro. E há falta de apoio porque vivemos numa cidade habituada a ter as coisas de borla. Durante décadas teve tudo o que concerne a desporto, cultura e outras áreas de borla. As pessoas e as instituições acham natural que a AAC faça pura e simplesmente as coisas, sem que tenham que responder por nada. Coimbra não é uma cidade bairrista. É uma cidade saudosista. É muito mais fácil captar apoios fora de Coimbra. Em relação à Câmara, existem também alguns problemas nessa esfera, mas julgo tratar–se de uma situação que tem tendência a melhorar. Sou um tipo optimista.

Que balanço faz do seu mandato?

Estou na Presidência da Direcção desde Outubro de 95, altura em que o Dr. Fausto Correia foi para o Governo, tendo sido depois eleito em 97. Durante este tempo, na minha opinião, melhorámos e fizemos várias coisas: melhorámos o relacionamento entre o OAF e a DG/AAC; realizámos protocolos com todas as Académicas espalhadas pelo mundo; criámos neste mandato o Jornal Académica, que é distríbuido por todas as Académicas, desde Cabo Verde a Goa. Dotámos a instituicão de verbas não dependentes da bola entrar ou não na baliza, nomeadamente através da transformação do Pub Briosa na Discoteca Buraco Negro, que se pode considerar um sucesso. E se calhar o mais visível, nestes quatro anos estivemos duas vezes na primeira divisão, quando nos dez anteriores não tínhamos estado nenhuma. De alguma forma, renovámos ainda o espírito filosófico da instituição, privilegiando e assumindo como prioridade a contratação de jogadores–estudantes, tentando sempre facilitar a vida destes atletas do ponto de vista escolar. Mas há, obviamente, ainda muita coisa para fazer.

E quais os principais objectivos a cumprir no próximo mandato?

Os objectivos principais são a melhoria das condições da escola de formação, tentando edificar um modelo de formação; melhorar as infraestruturas; cimentar a Académica na primeira divisão; alterar o modelo de gestão, tornando-o mais rápido a responder; e manter e melhorar as relações com a DG/AAC, esperando que nos dêem, finalmente, a sala que tanto temos pedido lá em cima na Padre António Vieira.

Sérgio Alves

Associação dá visibilidade à cultura que produz

Vem conhecer a Academia

Recentemente um estudo urbanístico revelou que a cidade de Coimbra é uma cidade de qualidade de vida. Um dos aspectos tido em conta foi a produção cultural realizada dentro do município e para esse aspecto muito contribui a cultura feita pela Associação Académica.

A Direcção Geral da Associação Académica conjuntamente com todas as secções culturais e alguns organismos autónomos leva a cabo o evento "Vem conhecer a academia " que teve o seu início no passado dia 20 de Março e conhecerá o seu término no próximo dia 2 de Abril. Esta iniciativa tende a ser uma magna mostra da cultura feita pela academia...

"Vem conhecer a academia", nas palavras de Vítor Hugo Abreu, supercoordenador do pelouro da cultura da DG/AAC e responsável máximo por este evento, "é um símbolo de todas as actividades que estão a decorrer ao longo deste ano a nível cultural" na Associação Académica de Coimbra. Esta iniciativa começou com uma conversa que Vítor Abreu teve com alguns antigos dirigentes associativos que lhe falaram de um projecto, com o mesmo nome do que se está presentemente a realizar, traduzindo–se então na divulgação das actividades e historial de todas as secções da AAC, durante quinze dias, através da Direcção Geral. A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) já conheceu este ano a sua própria "Vem conhecer a academia", aquando da comemoração do seu décimo quarto aniversário, bem como a secção de escrita e leitura (SESLA) e o centro de estudos cinematográficos (CEC). Vítor Abreu, o homem forte da cultura da DG, pretende que esta iniciativa se extenda a todas as outras secções culturais até ao final do ano. Numa tentativa de conjugar, concertar e dinamizar o trabalho das secções da sua área, tendo em vista a obtenção de um maior impacto e divulgação, Vítor Hugo optou por coordenar todas essas actividades numa só, isto é, no "Vem conhecer a academia" que se realiza num espaço de duas semanas.

Objectivos e certezas

Demonstrar a toda a academia que as secções culturais estão presentes e a funcionar é o objectivo último que o responsável máximo por este projecto visa alcançar, dando visibilidade a todo o trabalho que nunca deixaram de produzir. Esta iniciativa pretende também chamar os estudantes às instalações da AAC, realizando actividades em locais tão distintos como o bar, a porta do edifício e mesmo nos telhados. Assim sendo, a ideia seguida foi a de alcançar os estudantes, chamando–os à associação e, simultaneamente, indo o trabalho da Associação ao encontro deles.

Ainda na opinião de Vítor Salgado, continua e sempre se há–de continuar a produzir boa cultura na academia, sendo a AAC o maior pólo cultural da região centro, assumindo–se também, e cada vez mais, a nível nacional. Nem todas as secções conseguem uma projecção tão alargada, pecando algumas na capacidade de dinamizar e promover o seu próprio trabalho, todavia, a DG está atenta a este problema, tentando concertar o trabalho destas facilitando uma maior angariação de apoios.

Estudantes interessados pela cultura

Só após a realização da Serenata, à porta da Associação, na passada quarta–feira à noite, marcando o início do "Vem conhecer a academia" é que os responsáveis por este projecto puderam averiguar o interesse dos estudantes pela cultura produzida dentro da AAC. A comunidade estudantil demonstrou a vontade de conhecer e participar nesta iniciativa, comparecendo em bom número na serenata com vontade de conhecer o que de novo se faz na Associação. Não nos podemos esquecer que para muitos, o que não é tão recente torna–se novo, pois simplesmente desconhecem, ou por falta de informação ou por falta de vontade, a cultura dentro das portas da AAC. A Secção de Escrita e Leitura (SESLA) é um bom exemplo disso mesmo, sendo uma secção que, nas palavras de Vítor Salgado, "é pouco conhecida mas quando o é, é do agrado dos estudantes que aderem com muita vontade às suas actividades".

Este projecto como forma de divulgar o trabalho das secções culturais, funciona também, como uma forma de "recrutar" novos elementos para as suas "fileiras", dando a conhecer o seu trabalho. É natural que as pessoas a quem lhes agradou o que viram adiram a alguma secção, resolvendo um dos problemas com o qual o "Vem conhecer a academia" se debateu: a falta de elementos para que as secções pudessem prosseguir o seu trabalho normal e ainda conseguirem um trabalho pleno na grande iniciativa cultural da DG.

O "Vem conhecer a academia" começou com uma serenata na varanda da AAC

Expectavivas elevadas

Para além da serenata do primeiro dia, também o debate sobre o racismo no Teatro Académico Gil Vicente foi muito participado, não sendo estranha a natureza do assunto em questão. A secção de Astronomia, Astrofísica e Astronáutica (SAC), com o objectivo de divulgar as suas vastas actividades, promoveu na quarta–feira última, uma mostra de slides na sala de estudo e o Centro Cultural Dom Dinis serviu, na quinta-feira passada, de palco a um recital de poesia acompanhado ao piano, levado a cabo pelo SESLA.

As expectativas dos responsáveis por este projecto, nas palavras de Vítor Abreu, são elevadas, pois "a adesão a este projecto aumenta de dia para dia", numa lógica de dominó: o experimentar de uma primeira iniciativa potencia a vontade de conhecer as restantes. Desta forma a academia sai privilegiada com uma maior exposição do seu trabalho.

Guilherme Oliveira

Programa

Espectáculos:

27 de Março - Fans e Tuna de Medicina;
28 de Março - Estudantina e Orxestra Pitagórica
29 de Março - Fan–farra, In Vino Veritas e Phartuna
30 de Março - Mondeguinas e Coral do Cifrão
31 de Março - Música Popular da Tuna Académica
- Música Popular do Orfeon Académico de Coimbra
- Orquestra Típica e Rancho da Secção de Fado
Jardim da AAC, a partir das 22 horas

Exposições:

27 de Março a 1 de Abril
Secção de Divulgação de Culturas Lusófonas
Pelouro de Ambiente do Núcleo de Biologia
Sala de Estudo da AAC

Colóquios:

1 de Abril
Sessão de Divulgação da Secção S.O.S Estudante

Actividades:

27 de Março a 1 de Abril
Realização de várias actividades desenvolvidas pelo Centro Informático da AAC (CIAAC), com a montagem de um Ciber–Café no Bar da AAC.
7 a 9 de Abril (Organização SAC)
Fim de Semana nas Estrelas, Viagem ao Gerês, Visionarium, desportos radicais, marcha ambiental e observações nocturnas.

Centenário da morte do autor de "Só"

Nobre solitário

António Nobre é considerado um dos poetas que melhor soube descrever a solidão. Celebrou os encantos da "Lusa Atenas" e chumbou os dois primeiros anos de Direito. A sua passagem pela cidade dos estudantes deixou muitas marcas, tanto no próprio poeta como na paisagem coimbrã.

António Pereira Nobre veio ao mundo no dia 16 de Agosto de 1867, às cinco horas da madrugada. Nasceu no Porto, mas o curso da sua vida inclui paragens em locais como Coimbra, Paris, Suíça e a Ilha da Madeira. A poética de Nobre está enquadrada na mais genuína tradição lírica portuguesa, e várias foram as referências ao Portugal dos seus dias.

A sua obra prima "Só" é considerada por muitos críticos literários um dos livros por excelência do século XIX. Digno de aparecer, certamente, em qualquer antologia literária portuguesa. A sua primeira edição foi em Paris no Abril de 1892. Num tom irónico, Nobre apelida "Só" como "o livro mais triste que há em Portugal". Com uma "infância" algo atribulada - principalmente por causa da opinião de alguns intelectuais da época - esta obra chegou aos nossos dias com sucessivas edições no seu currículo. Porventura, um espelho da grandeza que o livro encerra.

Surge também a obra "Despedidas" (1902), um compêndio dos seus poemas inéditos, cuja edição inicial foi prefaciada por Sampaio Bruno e "Primeiros Versos" (1921). O conjunto do seu trabalho poético revela–nos uma espontaneidade e uma sensibilidade popular pouco comum entre os poetas portugueses.

Partida pesarosa

António Nobre foi uma personalidade "sui generis" que raramente deixava os seus coevos indiferentes. Como estudante foi alvo de alguma chacota por parte dos seus colegas e olhado com desconfiança por parte dos seus professores, muito por culpa da maneira excêntrica como se trajava. Quando cursou Direito na Universidade de Coimbra, Nobre pagou por esta diferença com dois anos chumbados. Partiu para Paris com amargura, em 1890, onde encontrou um quarto solitário na Rue des Écoles.

Enquanto estudante na Universidade de Sorbonne, entrou em contacto com um meio mais aberto a novidades. Viveu uma fase de grande inspiração poética e privou com diversas personalidades da cena literária, entre os quais se destaca Verlaine e Mallarmé. Contudo, do cosmopolitanismo parisiense brotou uma nostalgia amarga por terras lusitanas.

No ano em que publica "Só", afloram–lhe à pele os primeiros sintomas da tuberculose. A doença dos românticos, como foi conhecido, começa a afectar o seu ponto de vista sobre o mundo. O canto lúgubre ressoa pela sua obra: "Adeus! Ai triste de quem embarca/Sem ver a sorte que o espera ao fim!" e chega mesmo à angústia da morte: "Meu coração, a Velha chama:/Basta, por Deus! vamos dormir..."

Daí que tentasse, através de todos os meios, curar a sua enfermidade. Internou–se no afamado sanatório em Davos–Platz e passou pela Madeira, em 1898. Saiu das duas localidades mais saudável, mas a doença voltava a atacar, sorrateiramente.

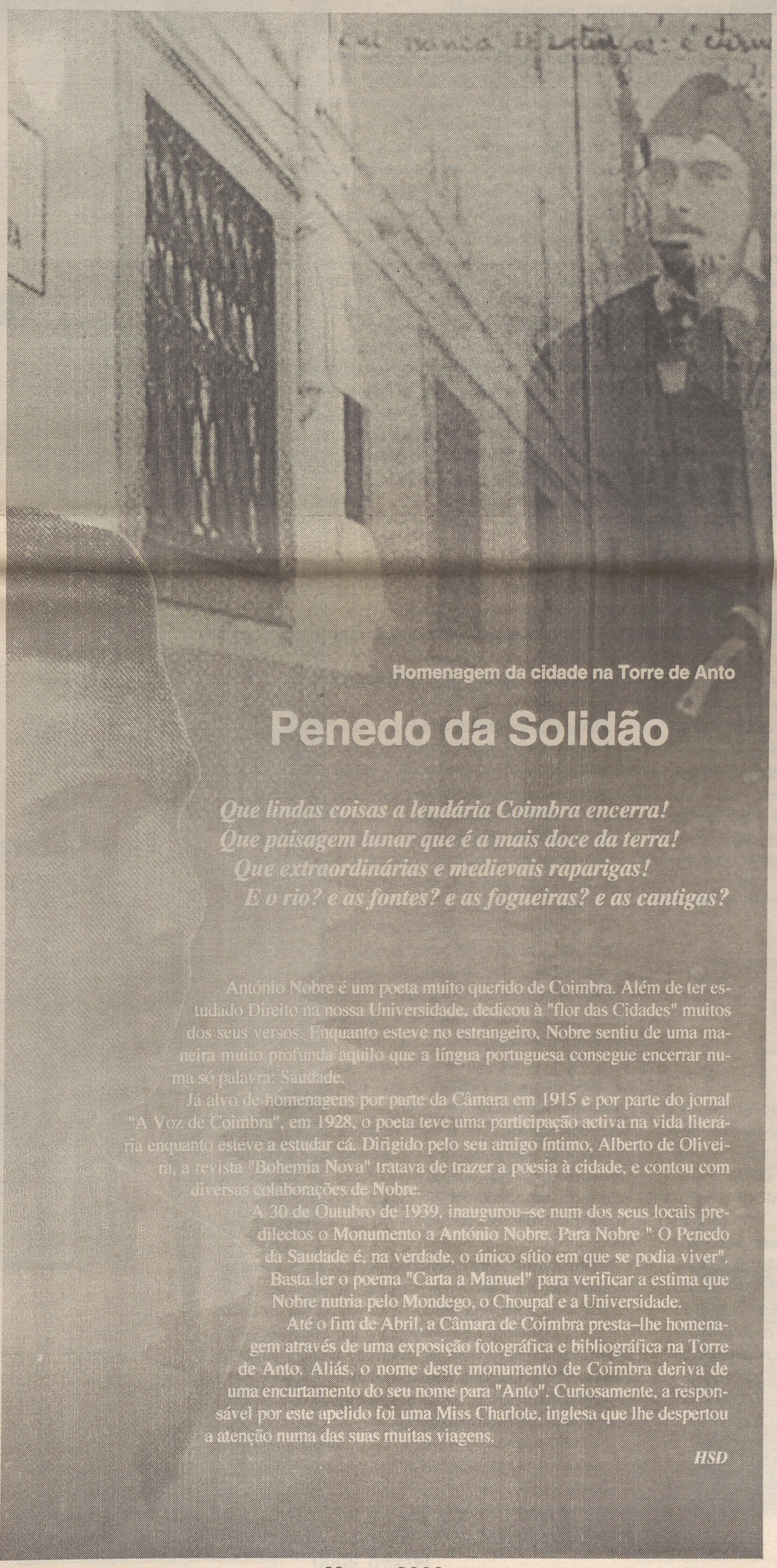
Anto português

Consta que muito daquilo que viveu terá dado fruto na forma do seu livro "Só". Se formos analisar alguns dos seus poemas, notamos nele uma saudade que apenas pôde ser mitigada por correspondências com os seus amigos em Portugal e pela escrita poética. Poemas como "Saudade" denunciam o sofrimento que aturou em Paris: "Saudade, saudade! palavra tão triste, / e ouvi–la faz bem / Meu Garrett, tu bem na sentiste, / Melhor que ninguém!".

A par de uma espécie de neo–garrettismo, o poeta da solidão situa–se entre o saudosismo e o simbolismo. Assim, muitos poetas lhe cantaram as suas virtudes poéticas - Sá–Carneiro dedica–lhe o poema "Anto". Muitos estimam o leque impressionista dos seus retratos do Portugal provinciano, agrário e piscatório. Poemas sombrios e elaborados denotam a novidade do estilo coloquial e um tom intimista que aproximam o ouvinte/leitor e o poeta. Os detractores de António Nobre acusam–no de um narcisismo provocatório e rotulam–no de poeta maldito.

Antes de morrer no dia 18 de Março de 1900, Nobre escreveu, a muito custo, as suas últimas linhas a uma irmã: "Se tu soubesses o meu desgosto! Adeus...". Fica nos anais da literatura portuguesa um retrato do Portugal finissecular, onde está bem patente a crise de valores na viragem do século. Alguém chamou à sua obra "drama do desespero e da revolta". Apesar das contrariedades e das partidas que a vida lhe pregou, Nobre soube "dormir" com dignidade.

Helder Silva Dantas



Homenagem da cidade na Torre de Anto

Penedo da Solidão

Que lindas coisas a lendária Coimbra encerra!
Que paisagem lunar que é a mais doce da terra!
Que extraordinárias e medievais raparigas!
E o rio? e as fontes? e as fogueiras? e as cantigas?

António Nobre é um poeta muito querido de Coimbra. Além de ter estudado Direito na nossa Universidade, dedicou à "flor das Cidades" muitos dos seus versos. Enquanto esteve no estrangeiro, Nobre sentiu de uma maneira muito profunda aquilo que a língua portuguesa consegue encerrar numa só palavra: Saudade.

Já alvo de homenagens por parte da Câmara em 1915 e por parte do jornal "A Voz de Coimbra", em 1928, o poeta teve uma participação activa na vida literária enquanto esteve a estudar cá. Dirigido pelo seu amigo íntimo, Alberto de Oliveira, a revista "Bohemia Nova" tratava de trazer a poesia à cidade, e contou com diversas colaborações de Nobre.

A 30 de Outubro de 1939, inaugurou–se num dos seus locais predilectos o Monumento a António Nobre. Para Nobre " O Penedo da Saudade é, na verdade, o único sítio em que se podia viver". Basta ler o poema "Carta a Manuel" para verificar a estima que Nobre nutria pelo Mondego, o Choupal e a Universidade.

Até o fim de Abril, a Câmara de Coimbra presta–lhe homenagem através de uma exposição fotográfica e bibliográfica na Torre de Anto. Aliás, o nome deste monumento de Coimbra deriva de uma encurtamento do seu nome para "Anto". Curiosamente, a responsável por este apelido foi uma Miss Charlote, inglesa que lhe despertou a atenção numa das suas muitas viagens.

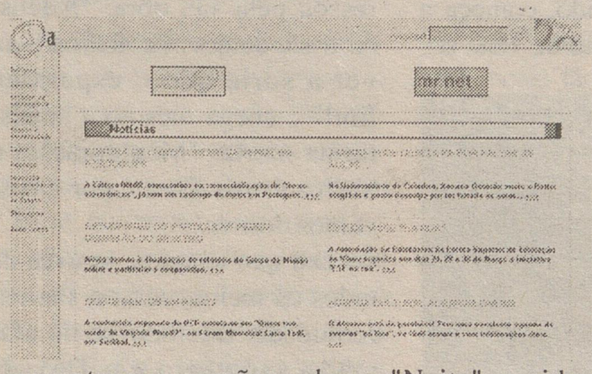
HSD

artes

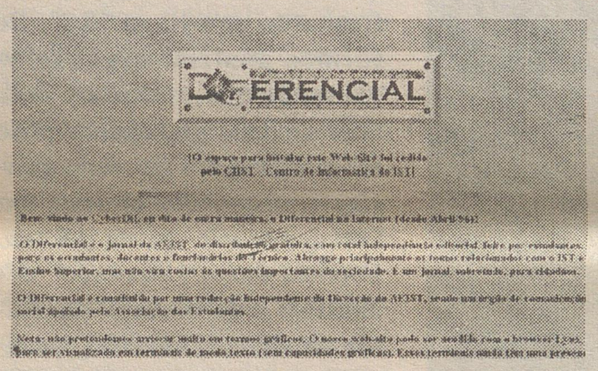
LIGUE-SE

CyberCabra

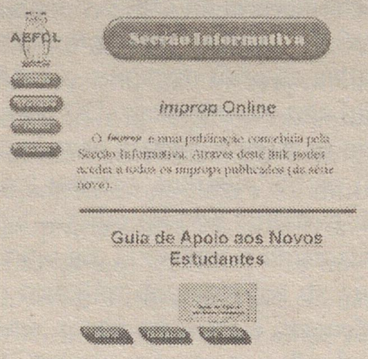
Neste número falarei sobre páginas Web de alguns jornais universitários e de portais com interesse para estudantes. Começo já pelo portal Éférreá, onde se pretende acolher toda a informação de interesse para os estudantes universitários e pré–universitários. Aqui podemos encontrar notícias, informações sobre o acesso ao ensino superior, informações sobre residências universitárias e cantinas, para além de locais onde podes arranjar empregos em part–time e centros de emprego. Na secção de lazer



encontramos secções sobre a "Noite", a vida académica e ainda viagens. Encontramos também uma secção que nos diz como podemos ir estudar para o estrangeiro, um fórum de debate e uma parte sobre imprensa universitária. Este portal é, sem dúvida, fenomenal, quer pela facilidade com que se encontram informações, quer pelas actualizações frequentes quer pelo seu conteúdo. Passo agora para a página do Improp- Jornal da Associação de Estudantes da



Faculdade de Ciências de Lisboa- este jornal é o Órgão oficial da associação de estudantes, e é também o meio privilegiado para comunicar à faculdade no seu todo (estudantes, professores e funcionários) as tomadas de posição da Associação. O Improp constituiu desde sempre um veículo de ideias ao serviço dos estudantes, um espaço aberto à participação de todos (feito "por e para os estudantes") e um instrumento persuasivo nas lutas em que a Associação dos



Estudantes se tem envolvido ao longo dos anos, sempre na defesa firme dos direitos dos estudantes... Mas não é isso que todos os jornais universitários fazem? Aviso desde já que, para verem o Improp online, têm de ter o Acrobat Reader instalado! E, por fim, falo–lhes do Diferencial, que é o jornal da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, também este com distribuição gratuita, no site do jornal incluem–se todas as edições na íntegra desde 1996 (data de criação da página), bem como dossiers temáticos e diversas páginas de informações úteis.

Rui Alves

Efe-erre-a
http://www.fra.pt/
Improp
http://www.aefcl.fc.ul.pt/informativa/
Diferencial
http://alfa.ist.utl.pt/~dif/

OUVE-SE

The Cure - "Bloodflowers" (Fiction Records, 2000)

Livro de Mágoas

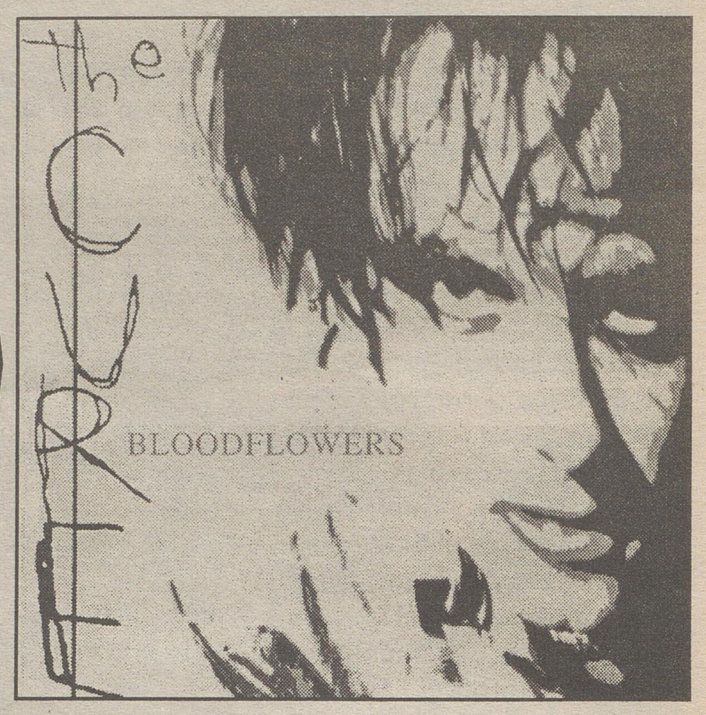
Contando com mais de duas décadas de carreira, a banda liderada por Robert Smith regressa com a edição daquele que é apontado como o seu derradeiro álbum de originais.

Fruto do desespero romântico, "Bloodflowers" é uma viagem introspectiva na qual os Cure atravessam a memória de um passado profundo e nostálgico, funcionando como o fechar de um ciclo cujas outras componentes são "Pornography" (1982) e o clássico "Desintegration" (1989).

Enquanto movimento taciturno, o novo registo discográfico da banda britânica, constitui um sólido conjunto de nove faixas que respiram melancolia e revelam uma intensidade dramática que caracteriza esta banda de culto. Assim, em "Bloodflowers", Smith e os seus pares abrem um livro de mágoas cuja escrita sóbria e sensível se entrecruza com uma sonoridade expressiva e intimista, tendo como corolário uma construção musical extremamente homogénia, na qual se destacam o tom angustiado e a desesperança de "Last day of summer" - arranjos primordiais que o tornam um dos melhores temas do álbum - e a melancolia romântica presente em "There is no if" - ambos reflexo da exelência lírica e melódica da composição musical dos Cure.

Obra densa e escura, "Bloodflowers", é um adeus inspirado e intenso de uma banda que é tida como um dos expoentes do movimento gótico. Naquele que deverá ser o seu registo de despedida, os Cure contemplam–nos com o derradeiro mergulho nas progundezas do divino desespero, um regresso ao passado, aos dias cinzentos em que "There`s nothing left to burn".

Filipe Damil Vicente



Manu Chao "Clandestino" (Virgin 1998- EMI/VC 1999)

"Welcome to Tijuana"

Manu Chao? Falar deste homem não é só falar do música, mas também do artista de circo, do nómada e do rebelde que fez brilhar os Mano Negra em plena década de 80. Sediado em França, Manu Chao carrega consigo a herança da música hispânica, índia e magrebina, muito provavelmente fruto da errância de um "desaparecido".

"Clandestino" comporta uma alma com "lágrimas de oro", uma alma cuja matriz se encontra nos ecos da Jamaica, mas que vai muito para além disso. "Bongo Bong" e "Je ne t´aime plus" lançam um irresistível convite a dançar até mais não. "Mentira" é outro dos grandes temas do disco com uma latinidade emanente e com alusões à Cimeira de Quioto de 98 sobre as alterações climáticas. De resto, a preoupações socias e políticas são uma constante em "Clandestino", a voz do Subcomandante Marcos do Exército Nacional de Libertação Zapatista é ouvida em "Welcome to Tijuana", uma música que contém igualmente uma forte componente lúdica, " ... Tequilla, Sexo, Marihuana...". A música francesa de ascensão magrebina está petente em "La vie a", enquanto que "Malegria" reflecte os sons andinos no cosmos de Manu Chao. Pelo meio fica ainda uma passagem pelo Brasil com um "reggae" cantado em português e com um relato de futebol .

"Clandestino" é um caleidoscópio que abarca uma lata herança cultural e brota um perfume estival e narcotizante. Editado em 98, este disco só há poucos meses começou a ser distribuído em Portugal e tem todas as condições para explodir como já aconteceu noutros países da Europa. Por cá , ao que parece, vamos ter a oportunidade de ver Manu Chao ao vivo em Julho no Parque das Nações. Aguardemos ansiosamente.

José Carlos Santos

feitas

VÊ-SE

"Os Rapazes Não Choram"
Kimberly Pierce

"Os Rapazes Não Choram" apresenta os últimos dias da vida de um jovem americano e o enredo poderia resumir–se a uma frase: Teena Brandon nasceu rapariga e ousou ser rapaz.

Contudo, este pequeno grande filme não se esgota num tratamento simples da questão da crise de identidade. Kimberly Pierce dá a conhecer o que se passou com o rebelde Brandon (Hilary Swank) ao chegar a Falls City, ao apaixonar–se por Lana (Chloe Sevigny) e ao ser desmascarado, fazendo-o de forma directa, ritmada e sem se servir de grandes artifícios na realização. Pierce filma o romance entre os dois jovens (não é um elogio à homossexualidade feminina!) e denuncia a hipocrisia de um mundo que não aceita "aberrações" e reage violentamente contra a diferença. "Os Rapazes Não Choram" é, ao mesmo tempo, um retrato sociológico impressionante e um testemunho comovente de sentimentos tão puros como o amor e a amizade, que podem ser destruídos pela estupidez e preconceito humanos. O mais chocante nesta primeira obra é que a tragédia ocorreu há apenas sete anos, em plenos anos noventa.

Hilary Swank e Chloe Sevigny (ambas nomeadas paraos Óscares) parecem ser a escolha certa para os papéis principais principais e as maiores responsáveis pela impressão positiva que este filme contra as convenções tem deixado por onde passa. Swank é irrepreensível. Aliada aos traços andróginos da sua face e postura, está uma interpretação simplesmente notável. Sevigny (conhecida pela participação em "Kids", de Larry Clark) constrói uma Lana bastante consistente, uma rapariga forte embora algo inconstante que, por vezes, cativa tanto como a protagonista. Os diálogos entre as duas personagens e a relação sincera que mantêm, mesmo depois de todas as atribulações, são de uma ternura extrema.

É por a sabermos baseada em factos verídicos que a trágica história de Brandon Teena revolta tanto e nos faz pensar. Kimberly Pierce é mais uma promessa do novo cinema independente americano...

João Vaz Silva

LÊ-SE

"Demian"
Herman Hesse

Poderia escrever tanta coisa sobre Hermann Hesse... mas não o farei, não desta vez. Direi apenas, para não desiludir os leitores que esperam encontrar nos meus textos uma ou outra nota biográfica, que Hesse é um dos mais notáveis escritores alemães contemporâneos (1885-1962), já laureado com um Prémio Nobel da Literatura em 1946. Bem sei que esta brevíssima aproximação, forçosamente redutora, à vida de Hermann Hesse satisfaz a curiosidade de ninguém mas quero sossegar o leitor menos conformado com os caprichos da minha pluma com a promessa de detalhes técnicos, pessoais, excêntricos e até mesmo obscuros da vida e obra do autor alemão num próximo comentário.

Depois da promessa dou início, de consciência mais tranquila, ao texto que sinto vontade de escrever: quero um texto com asas, um texto que seja um rio de tinta a correr livremente pelo papel. E um texto assim só se escreve quando nos dedicamos a explorar o coração do livro, a mensagem energética que o percorre e que, de vez em quando, torna um livro inesquecível. Como Demian.

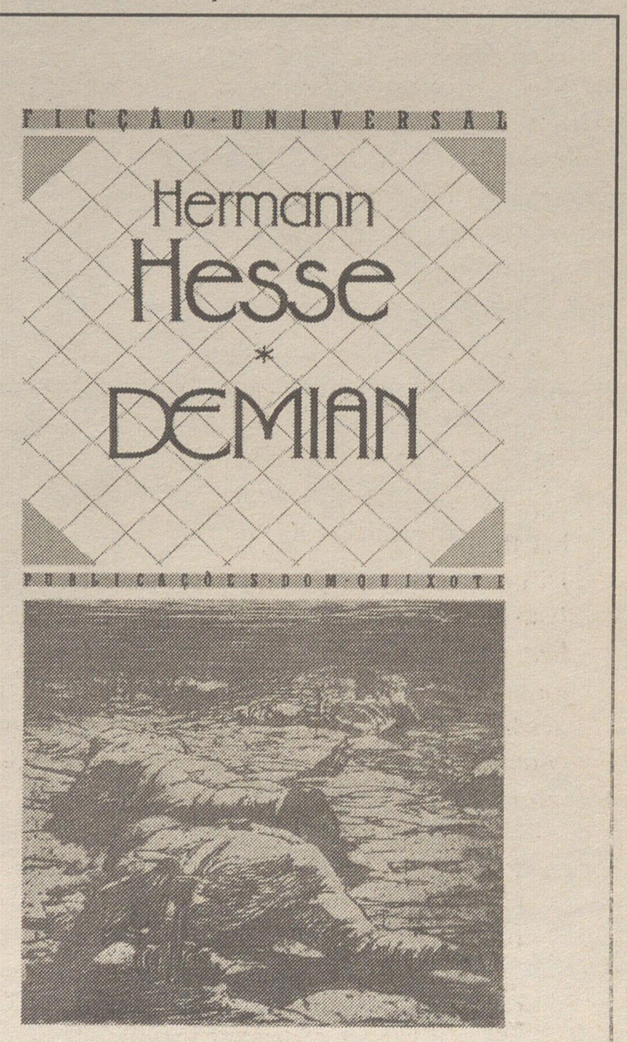
Demian é a primeira das grandes obras de Hesse. Conta–nos a caminhada para a maturidade de Emil Sinclair com tal intensidade existencialista que nela reconhecemos, com maior ou menor semelhança, o nosso próprio percurso. Quem não começou desde cedo a definir as fronteiras do Bem e do Mal? Geralmente começa–se por assimilar os contornos que a esses conceitos atribui a estrutura familiar e por pura imitação dos exemplos paternos pode (tendencialmente) enveredar–se por uma vida honrada ou por uma atribulada e mais ou menos bem sucedida carreira criminosa. A evolução do comum dos mortais costuma caracterizar–se por uma fase seguinte de experimentação e de contestação, tal como aconteceu a Sinclair ("Estes objectos constituíam o mundo límpido do pai e da mãe; porém eu mergulhara profunda e dolorosamente numa torrente estranha e envolvera–me em aventuras e no pecado") que sofreu as influências de boas e más companhias até vincar definitivamente a sua personalidade. Este romance ensina a pensar críticamente acerca daquilo que nos é, por vezes amorosamente e com a melhor das intenções, imposto. Ensina a desacreditar dogmas que não resistem à lógica. Ensina a não ter medo de pensar sem as muletas do "socialmente correcto". Medo, sim, porque o raciocínio lúcido e inteligente é uma caminhada pela noite escura da individualidade, uma caminhada que custa muitas vezes a quem a assume o epíteto de extravagante ou de louco.

Sejamos como Demian e Sinclair, "indagadores". Nenhum método me parece mais acertado do que aquele que com o leitor partilha Hermann Hesse através de uma das personagens: "...principio a saber escutar os ensinamentos que o meu sangue murmura dentro de mim".

Demian não é uma obra extensa, mas é intensa. A mim fez–me pensar no papel que o Bem e o Mal podem desempenhar na sociedade de hoje. Tornaram–se conceitos elásticos, flectidos pelo peso das convicções e conveniências pessoais, dependentes de múltiplas variantes como as circunstâncias externas e as intenções subjacentes à actuação do indivíduo. Adaptaram–se aos novos tempos e continuarão a fazê–lo; resta saber se o polimento das suas arestas, se o reajustamento dos seus territórios se deve a uma introspecção (colectiva) racionalizada e esclarecida ou se, pelo contrário, como repetidamente se afirma, se deve a uma crise de valores estupidificante e massificante.

Esta inquietude é o coração de que vos falava no início. Leiam o livro e sintam–no bater. Dentro de vós.

Rita Calmeiro



Arte @dei

Os estudantes de Coimbra vão poder descobrir e apreciar, na semana de 27 a 31 de Março, o IV Ciclo de exposições culturais do Arte@dei, no Pólo II da Universidade. O Arte@dei foi promovido pela primeira vez há dois anos atrás pelo Departamento de Engenheria Informática, sendo apoiada e coordenada pelo Laboratório de Gestão(Lage). Como objectivo essencial, contava–se essencialmente a divulgação de variadas actividades culturais. Assim, os novos artistas, sejam eles pintores, escultores, poetas ou fotógrafos vão poder expor as suas obras durante estes cinco dias utéis. Destas actividades destaca–se, por exemplo, uma sessão de poesia na quinta–feira, dia 30, às 17h30. Apesar de o projecto inicial só prever uma semana de duração, os órgãos organizativos esperam poder prolongar o evento pelo menos durante mais uma semana, estando, no entanto, este aspecto condicionado pela adesão dos estudantes e pela disponibilidade dos artistas.

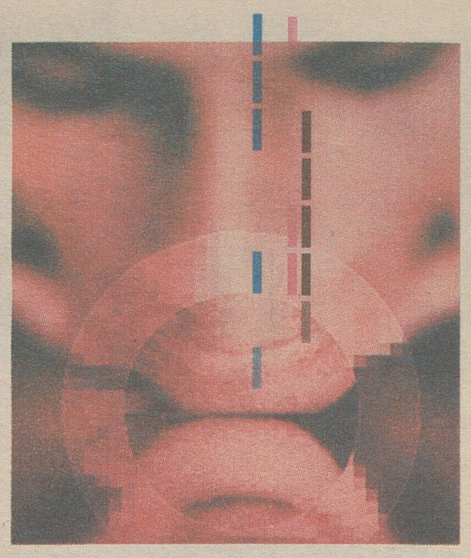
Concurso de Poesia

Está aberto até ao próximo dia 7 de Abril o prazo para a entrega de textos respeitantes ao Concurso de Poesia da Queima das Fitas 2000 ("Sangue, Suor, e Cerveja"). Organizado pela Comissão Organizadora da Queima dasFitas/2000, este concurso conta com o apoio do SESLA (Secção de Escrita e Leitura da AAC) e está aberto à participação de estudantes e funcionários da Universidade de Coimbra. Para a avaliação das composições, serão levadas em conta a originalidade e a qualidade literária do texto, sendo que, para o primeiro classificado, está disponível um prémio de 50 000$00 em livros. O regulamento deste concurso encontra–se disponível na Sala da Queima.

A sua breve passagem pela Reitoria da Universidade de Coimbra, no fim de tarde de 22 de Março, pouco nos diria se o aluno Alexandre Gusmão, matriculado na Faculdade de Direito da UC, não fosse Xanana Gusmão, alguém cuja personalidade dispensa todo tipo de coisas que, sobre si, poderiam ser ditas.

Não há quem, em Portugal, não ligue o nome de Xanana a uma luta, a um povo, a uma esperança que cá, bem longe, despertou uma nação que há muito não encontrava uma causa, um propósito que a levasse a dar as mão e a levantar a voz, enquanto que lá, do outro lado do mundo, em Timor Lorosae, tratou almas enfermas, num cenário que vimos, lemos, ouvimos, mas não vivemos.

Por entre acenos, palavras sentidas, emoções que extravazam, há o esquecimento de que, por detrás da veste de herói, está uma pessoa a quem nunca perguntaram se gosta ou não de multidões, câmaras, entrevistas, protocolos... Mas, pelo menos até chegar aos automóveis que o conduzem por entre a multidão, Alexandre continuará ser aquele que todos querem ver, saudar, agradecer. Continuará a ser, simplesmente, Xanana.



Intimidades

Subordinado ao tema "Intimidades", encontra–se aberto até dia 31 de Março o Concurso de Fotografia da Queima das Fitas/2000, organizado pela Comissão Organizadora da Queima das Fitas/2000, estando integrado no respectivo programa cultural. Podem participar neste concurso todos os residentes em Portugal, mediante a apresentação de um portfólio constituído por 3 a 5 fotografias inéditas, sendo que cada portfólio deve ter um título. A avaliação dos trabalhos apresentados será efectuada tendo em conta critérios de adequação ao tema, domínio dos meios expressivos e rigor técnico de produção. Todos os trabalhos concorrentes serão expostos, em local a designar, de 1 a 16 de Abril. O regulamento deste concurso encontra–se à disposição dos interessados na Sala da Queima.

Semana Cultural de Economia

De 3 a 6 de Abril, a Faculdade de Economia inspira uma vez mais a Universidade e, de novo, se mostra cultura na cidade de Coimbra.

A Semana Cultural de Economia, para além de uma Feira do Livro, (que porá à disposição do público exemplares novos e usados) apoiada pela participação de algumas editoras, vai também contar com actividades que, para além de se apresentarem na sua vertente pedagógica, têm também uma outra que visa não só educar mas também divertir. É o caso do "Jogo de Trivial" que se irá desenrolar a partir do dia três, sem término determinado.

Para a efectuação do evento, a organização conta com a participação de vários grupos e secções. A Secção de Escrita e Leitura da Associação Académica de Coimbra vai marcar a sua presença através de uma sessão de declamação de poesia conjuntamente com um recital de piano, enquanto que a ARCA se evidencia com a apresentação de uma exposição de pintura a decorrer no Auditório da mesma faculdade.

O encerramento da Semana será bastante original, proporcionando uma visita ao Observatório Astronómico para quem anda "com a cabeça na lua".

Quarta a sexta-feira
29/31 de Março
Praça D. Dinis

Organização da Direcção Geral da AAC